



Vol. 2

# O sertão de Oswaldo Lamartine

A.B.C. da pescaria  
de açudes no Seridó

Os açudes dos  
sertões do Seridó

**Reitor**

José Daniel Diniz Melo

**Vice-Reitor**

Henio Ferreira de Miranda

**Diretoria Administrativa da EDUFRN**

Maria da Penha Casado Alves (Diretora)  
Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)  
Bruno Francisco Xavier (Secretário)

**Conselho Editorial**

Maria da Penha Casado Alves (Presidente)  
Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)  
Adriana Rosa Carvalho  
Alexandro Teixeira Gomes  
Elaine Cristina Gavioli  
Everton Rodrigues Barbosa  
Fabrício Germano Alves  
Francisco Wildson Confessor  
Gilberto Corso  
Gleydson Pinheiro Albano  
Gustavo Zampier dos Santos Lima  
Izabel Souza do Nascimento  
Josenildo Soares Bezerra  
Ligia Rejane Siqueira Garcia  
Lucélio Dantas de Aquino  
Marcelo de Sousa da Silva  
Márcia Maria de Cruz Castro  
Márcio Dias Pereira  
Martin Pablo Cammarota  
Nereida Soares Martins  
Roberval Edson Pinheiro de Lima  
Tatyana Mabel Nobre Barbosa  
Tercia Maria Souza de Moura Marques

**Editoração e Revisão**

Helton Rubiano (Coordenador)  
Isabelle Cavalcante (Colaboradora)  
Thaynan Silva (Colaborador)

**Design editorial**

Rafael Campos (Projeto gráfico)

**Obra da capa**

Newton Navarro (Sem título, 1973.)

Vicente Serejo  
Graco Aurélio Melo Viana  
Helton Rubiano de Macedo  
(Org.)

# O sertão de **Oswaldo Lamartine**

Volume 2

**A.B.C. da pescaria de açudes no Seridó**

**Os açudes dos sertões do Seridó**



Natal, 2022



Fundada em 1962, a Editora da UFRN (EDUFRN) permanece até hoje dedicada à sua principal missão: produzir livros com o fim de divulgar o conhecimento técnico-científico produzido na Universidade, além de promover expressões culturais do Rio Grande do Norte. Com esse objetivo, a EDUFRN demonstra o desafio de aliar uma tradição de seis décadas ao espírito renovador que guia suas ações rumo ao futuro.

Este livro é uma ação de extensão (PD003-2021)  
da Editora da UFRN (EDUFRN)  
e contou com recursos do Programa Caravana Cultural  
da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UFRN).

Coordenadoria de Processos Técnicos  
Catalogação da Publicação na Fonte.UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

O Sertão de Oswaldo Lamartine [recurso eletrônico] : volume 2 / organizadores Vicente Serejo, Graco Aurélio Melo Viana, Helton Rubiano de Macedo ; apresentação José Daniel Diniz Melo. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 4,5 MB). – Natal, RN: EDUFRN, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web

<<http://repositorio.ufrn.br>>.

Título fornecido pelo criador do recurso

ISBN 978-65-5569-225-9

v. 2. A.B.C. da pescaria de açudes no Seridó ; Os açudes dos sertões do Seridó.

1. Faria, Oswaldo Lamartine de, 1919-2007. 2. Sertões – Seridó, Região do RN. I. Serejo, Vicente. II. Viana, Graco Aurélio Melo. III. Macedo, Helton Rubiano. IV. Melo, José Daniel Diniz.

CDD 981.32

RN/UF/BCZM

2021/26

CDU 94(813.2)

Elaborado por Gersoneide de Souza Venceslau – CRB-15/311

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN

Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário

Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil

e-mail: contato@editora.ufrn.br | www.editora.ufrn.br

Telefone: 84 3342 2221

# Apresentação

José Daniel Diniz Melo

Reitor da UFRN

**N**o ano de 2005, Oswaldo Lamartine de Faria recebia o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Já ultrapassara oitenta de existência. O reconhecimento, a seu tanto tardio, mas obviamente oportuno, fazia justiça a um autor que, não tendo pertencido à academia, produziu obra de suma importância sobre o semiárido seridoense, numa prosa por todos elogiada. Encontrável apenas em sebos – por vezes reeditada por iniciativa do sebista natalense Abimael Silva – fragmentada em muitos pequenos volumes, sua obra necessitava de um ordenamento editorial capaz de confirmar e ampliar sua grandeza. É o que ora faz a UFRN com a publicação de *O sertão de Oswaldo Lamartine*, mediante autorização do filho Cassiano Lamartine, e obedecendo criteriosa organização de Vicente Serejo, Graco Aurélio Melo Viana e Helton Rubiano de Mamede. Assim, os interessados em melhor conhecer essa fascinante região brasileira a encontrarão ordenada tematicamente nos volumes agora entregues em bela concepção editorial.

Nascido em Natal – menino do litoral, portanto – até poderia Oswaldo Lamartine surpreender pela sua opção intelectual, ainda mais pelo que parecia ser o destino de estudar de forma incansável a terra que funde culturalmente os estados irmãos Rio Grande do Norte e Paraíba: os sertões do Seridó. Ocorre que esse doutor natalense, dominado pelo sentimento telúrico, tinha a correr nas veias o mais autêntico sangue seridoense, herdado de outro amoroso por aquelas terras, cujas tradições chegou a pesquisar, em *Velhos costumes do meu sertão*, o ex-governador Juvenal Lamartine.

Do pai, herdaria Oswaldo o amor irrecorrível pelo sertão do Seridó, fascinado por tudo que se refere a sua geografia física e humana: a pecuária, a fauna, a flora, os instrumentos de trabalho, as técnicas de armazenamento de água, as serras e a caatinga, o vaqueiro, a comida, a lírica popular. Desde que começou, ainda muito jovem e já merecendo reconhecimento de quem lia seus textos (especialmente do velho parceiro Vingt-Un Rosado), Oswaldo Lamartine logo se colocou em uma vastíssima galeria, da qual permito-me destacar nomes como os de Manoel Dantas, Zila Mamede, José Bezerra Gomes, os governadores Lamartine e José Augusto, Paulo Balá e o inesquecível professor Muirakytan Macêdo. E de pronto se tornou admirado pela intelectualidade brasileira, merecendo referências elogiosas de intelectuais do porte de Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna e José Lins do Rêgo.

Não posso deixar de assinalar a grande alegria de me encontrar à frente da Reitoria no momento em que a UFRN produz e disponibiliza esta obra. Por isso, gostaria de homenagear os responsáveis por este trabalho que faltava à Cultura Brasileira. Parabenizo também os leitores pela excelente oportunidade de descobrir (em muitos casos, redescobrir) a riqueza que há em *O sertão de Oswaldo Lamartine*. Porém, congratulo-me, sobretudo, com os conterrâneos seridoenses, presenteados com o sertão de todos, vivamente retratado aqui.



# Oswaldo Lamartine<sup>1</sup>

Rachel de Queiroz

Conheci Oswaldo Lamartine quando começava a escrever o *Memorial de Maria Moura*, nos começos de 1990. Eu estava “situando” o romance; fixara-o geograficamente naqueles sertões que nascem nos fundos de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, e marcham pelo Oeste, na direção de Goiás. Eu me inspirava, para essa localização, num velho mapa que descobrira nos guardados do meu avô engenheiro, o Dr. Rufino, onde a região aparecia desenhada apenas nos seus limites externos e marcada pelo letreiro: “Território não mapeado”. Parece que mais tarde, não sei se pelo Marechal Rondon, foi mapeada a região.

Outros problemas com que eu me defrontava eram os hábitos locais, os tratos domésticos, a alimentação, as bebidas. E a roupa. E as armas. Consultados os meus queridos amigos Melquíades e Arair Pinto Paiva (ele um estudosso do cangaço), discutimos

---

<sup>1</sup> *O Galo*, n. 7, Fundação José Augusto, Natal-RN, julho de 1997.

bacamartes e facas de briga, a introdução do café, então artigo de luxo, etc., etc. Foi aliás deles dois que recebi informação sobre a existência do “cubico” ou cubículo, uma espécie de quartinho subterrâneo, oculto, onde se punham em segurança amigos que se escondiam ou se prendiam inimigos.

Mostraram-me até uma foto das ruínas do “cubico” da casa do sítio da bisavó dos dois, a famosa D. Fideralina. Mas quando fui me tornando mais exigente, tiveram eles a grande ideia – e me apresentaram ao mestre “sertanólogo”, o hoje meu amigo, meu irmão, Oswaldo Lamartine. Acho que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do Nordeste do que Oswaldo. Quanto a mim, senti-me como garimpeiro que descobre uma mina. Oswaldo levou a sério a tarefa, e passou a me fornecer toda espécie de informação que lhe solicitava: desenhava roupas, chapéus, cachimbos e, principalmente, as armas dos meus cabras. Tenho aqui ao lado a pasta que guardas essas preciosidades – desenhos muito bem-feitos de punhal (especificando o que seria de marfim ou prata no cabo, o corte e as dimensões da lâmina de aço). Outro desenho, um bacamarte de fabricação inglesa (chamado pelos cabras “vagalume”), tendo gravado na coronha o nome do fabricante, I. Hall. Mas a joia, entre todos os desenhos, é o de uma pistola também inglesa (E.D.N. and North) chamada pelos cabras de “cotó”. E mais, ao lado dos desenhos, o glossário, que não posso reproduzir aqui já que me consumiria todo o espaço; vai de “jeritiba” (cachaça) até as 24 enumerações das horas do dia, como “quebra da barra”, “pingo do meio-dia”, “roda de sol” etc.

Na página das dedicatórias, quando publicado o romance, agradeci a Oswaldo pela “inestimável ajuda”. Foi pouco, mas sendo ele lacônico por natureza, não me atrevi a derramamentos maiores.

Contudo, além da realmente “inestimável ajuda”, o lucro maior que me ficou desse conhecimento foi o fraterno amigo adquirido. E olha que, a princípio, quando José Bonifácio Câmara e Melquíades me falaram dele, eu até cismei um pouco: filho de senador e presidente do Rio Grande do Norte, sociólogo e folclorista? E eis que surge aquele anjo magro, só querendo falar das coisas de que nós ambos gostávamos – quer dizer, do sertão. A cada visita, ele me trazia novas contribuições para a minha história: o nome de um pano, os trocos de moeda, os chás caseiros; tivemos grandes confabulações também sobre os ferros de marcar gado, objeto de seu grande interesse (a porta do seu apartamento, aqui no Rio, é “ferrada” como uma rês; e até agora tenho resistido em ferrar a minha também, operação que ele me recomenda, com empenho...).

Acho que só de cem em cem anos pode nascer algum brasileiro como Oswaldo Lamartine. E como ele ainda está na casa dos setenta, vão demorar pelo menos ainda uns trinta anos até aparecer outro.



# Oswaldo Lamartine e eu<sup>2</sup>

Ariano Suassuna

Pesso dizer que eu já era amigo de Oswaldo Lamartine antes de conhecê-lo pessoalmente, ou mesmo através de cartas, uma vez que nunca nos correspondemos. Quando, em 1930, minha família precisou deixar a Paraíba, por conta das perseguições de que éramos vítimas, foi o pai de Oswaldo, o então governador Juvenal Lamartine, quem nos acolheu; passamos, assim, uma temporada em Natal, minha mãe, eu e meus irmãos, numa casa do Dr. Juvenal que ficava junto ao mar e cuja lembrança me serviu para escrever uma passagem do meu romance *O rei degolado*. Eu tinha cerca de três anos de idade, e Oswaldo, já com onze anos, salvo engano, encontrava-se estudando no Recife ou no Rio. Tanto eu quanto Oswaldo fomos profundamente feridos na Revolução de 30 e seus desdobramentos: eu perdi meu pai, assassinado; Oswaldo perdeu um irmão, da mesma maneira. O destino foi, assim, naturalmente,

---

<sup>2</sup> Recife-PE, 10 de setembro de 2008. Publicado na edição fac-similar de *Uns fesceninos*, organizada por Carlos Newton Júnior, com selo das Edições Bagaço.

nos unindo e nos fazendo solidários um com o outro. De longe, nos admirávamos mutuamente. Sempre li os seus livros a que tive acesso e sabia que ele lia os meus. Quando o conheci pessoalmente, ambos já velhos, em Natal, Oswaldo me deu dois presentes. O primeiro deles foi uma carta de minha mãe a seu pai, agradecendo a acolhida de 30 e elogiando a simpatia do povo potiguar. O segundo foi ter me levado ao local onde se erguia a casa em que fiquei quando menino e que tanto marcara a minha infância. Oswaldo foi, sem sombra de dúvida, um dos homens mais íntegros que conheci em minha vida.

# Mestre Oswaldo<sup>3</sup>

Virgílio Maia

Conheci Oswaldo Lamartine de Faria através da leitura do seu livro *Ferro de Ribeiras do Rio Grande do Norte*, que um dia, isso já está para mais de dez anos, me veio às mãos por empréstimo do amigo Audifax Rios. A leitura de Ferros reavivou em mim lembranças que andavam meio esmaecidas, as da minha infância de magro menino sertanejo, passada no interior do Ceará, em Limoeiro do Norte. Trouxe-me à memória as vacas que meu pai possuía, os nomes delas, Borborema, Colombina, Bordada, Boa Sorte, e aqui era bom que eu soubesse aboiar, assim que nem o vaqueiro Sérgio Preto, o que fazia o gado chorar, mas não sei. Pois a leitura de Ferros me accordou para esse mundo, que, desaparecido ou desparecendo, pode agora ser reinventado para que não desapareça de todo e para nunca mais.

Telefonei então para o Mestre Oswaldo – dei com ele em seu sítio no interior do estado do Rio de Janeiro, *um lenço de chão*, como ele disse – e travamos, a partir daí, uma estreita amizade

---

<sup>3</sup> *O Galo*, n. 7, Fundação José Augusto, Natal-RN, julho de 1997.

epistolar, carta vai, carta vem, livro vai, notícias, informações bibliográficas e essas coisas assim. Devo confessar, porém, que nunca pude corresponder nem à mínima parte com que Mestre Oswaldo tinha de conhecimentos sobre as cousas do sertão. Só os livros de sua autoria – e ele já me mandou todos, inclusive o raríssimo *Uns fesceninos* – já foram uma verdadeira enciclopédia sobre o sertão do Seridó, e, por extensão, sobre o país do Nordeste – esse que se estende do Velho Monge, o Parnaíba, ao Velho Chico, o São Francisco, o país que se confederou em 1824.

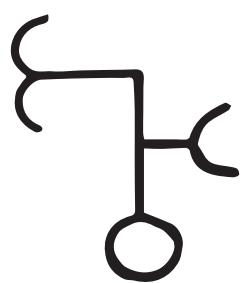
Mas aí um dia – quando do lançamento de *Cartas e cartões de Oswaldo Lamartine*, de Veríssimo de Melo, na cidade do Natal – tive a honra e a oportunidade de conhecer o Mestre pessoalmente: impressionou-me, não posso deixar de dizer, a magreza extrema. E, para além disso, no burburinho do lançamento, a calma, a pres-teza com que a todos atendia, condado e modesto, como se aquele ajustamento não fosse só por causa dele.

Depois, de uns tempos para cá, Mestre Oswaldo achou de se calar. Mais nenhuma carta do Rio, com a minha marca de ferradura desenhada no envelope. Soube agora que o Mestre se recolheu a uma casa sertaneja que chantou na Fazenda Acauã, município de Riachuelo, Rio Grande do Norte. Pois Mestre Oswaldo que se cuide: qualquer dia, quando ele menos esperar, risco meu cavalo no terreiro da casa-grande, armado com o meu velho abraço. Pode até ser que isso se dê num 15 de novembro, dia do seu aniversário, e então proclamaremos, aos quatro aceiros do mundo, a *República da Pátria do Sertão*.

# Sumário

A.B.C. da pescaria de açudes no Seridó ..... 19

Os açudes dos sertões do Seridó ..... 77



Oswaldo Lamartine de Faria

# A.B.C. da pescaria de açudes no Seridó



Essa história que escrevi  
Não foi por mim inventada  
Um velho daquela época  
Tem ainda decorada,  
Minha aqui só são as rimas  
Exceto elas, mais nada...

À memória de Bonato Liberato Dantas (1897-1955) que,  
nos sertões da Fazenda Lagoa Nova, em 1943, nos explicou,  
tim-tim por tim-tim, como pescava nas  
ribeiras do Seridó, para quem melhor caberia  
este verso de João Martins de Ataíde.



**A**barcam as ribeiras do sertão seridoense, no Rio Grande do Norte, os municípios de Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas<sup>1</sup>, Cerro Corá<sup>2</sup>, Cruzeta<sup>3</sup>, Currais Novos, Florânia, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Jucurutu, Ouro Branco<sup>4</sup>, Parelhas, São João do Sabugi, São Vicente<sup>5</sup> e Serra Negra do Norte – medindo 9.544 km<sup>2</sup>, que vem a ser 18,6% da área total do estado (51.105 km<sup>2</sup>).

O censo de 1950 contou, naquelas ribeiras, 137.426 sertanejos, dando assim 15 hab/km<sup>2</sup>, i. é, 14,19% da população do Rio Grande do Norte.

A caatinga se alastra por aquele mundo com sua vegetação retorcida, espinhenta, rala – dominando as cactáceas, bromélias e outras formas xerófilas. Nos meses de inverno<sup>6</sup>, cria a folhagem a que chamam “rama” e o chão se cobre de ervas rasteiras – a “babugem”. Caducas, caem no período da seca, deixando à mostra o esqueleto engarranchado de galhos nus e de um solo esturricado.

---

1 Criado pela Lei Estadual 1.028 de 11.12.53; desmembrado de Acari.

2 Criado pela Lei Estadual 1.031 de 11.12.53; desmembrado de Currais Novos.

3 Criado pela Lei Estadual 915 de 22.11.53; desmembrado de Acari.

4 Criado pela Lei Estadual 907 de 21.11.53; desmembrado de J. Seridó.

5 Criado pela Lei Estadual 1.030 de 11.12.53; desmembrado de Florânia.

6 Inverno: no dizer sertanejo, é o período das chuvas.

Os rios são transitórios e apartam as águas no estio – ficando apenas caminhos tortuosos nas várzeas de solo profundo, sílico-argiloso, onde se concentra a sua lavoura-dinheiro: o algodão mocó<sup>7</sup>. A caatinga é ondulada, erodida, de solo raso e compacto, esturricado por quase 3.000 horas de luz por ano que o escalda a 60°C nos meses de seca e varrida por ventos de 2 a 20 km/hora<sup>8</sup>.

Os invernos são escassos. Nos anos bons, quando sucede chover, têm de 4 a 5 meses de molhado para garantir a safra e fazer água nos açudes. O desembargador Felipe Guerra (*Secas do Nordeste*) contou, do ano de 1559 a 1942:

[...] uma seca de cinco anos, cinco secas de três anos, oito de dois anos e dezesseis de um ano: 1559, 1564, 1592, 1614, 1690-2, 1723-7, 1744-6, 1766, 1777-8, 1808,9, 1814, 1817, 1825-6, 1833, 1837, 1844-5, 1860, 1868-9, 1877-9, 1885, 1888-9, 1891-2, 1898, 1900, 1902-4, 1907-8, 1915, 1919, 1930-2 e 1942.

Daí por diante, some-se a de 1943, 1946, 1951-53, 1957 desmantelado e 1958 de “virar cinza”<sup>9</sup>. Vinte e oito anos de anotações pluviométricas<sup>10</sup> no posto de Currais Novos marcaram uma média anual de 398,3 mm – a menor medida no Rio Grande do Norte.

---

7 Algodão mocó: Ver NASCIMENTO, Fernando Melo do. *Estudos sobre o melhoramento do algodão mocó* (Tese apresentada à ENA – Universidade Rural do Rio de Janeiro para cátedra de agricultura e genética especializadas. s.1., s.ed., 1957. 50 p.

8 DUQUE, J. G. *Solo e água no polígono das secas*. 3. ed. Fortaleza, DNOCS, 1953. 306 p. (Brasil. MVOP. DNOCS. Série I-A. Pub. nº 154).

9 GUERRA, Felipe. *Secas do Nordeste*. Natal, Centro de Imprensa S.A., 1951. 33 p.

10 BANCO DO NORDESTE. *Efeitos da Seca Sobre a Economia agropecuária do Nordeste – 1958*. Fortaleza, jan. 1959, 22 p. pub. n. 72.

**B**em-visto está que as sesmarias foram requeridas para povoar com seus gados, e estiveram no ciclo do couro, serrando de cima, até os derradeiros decênios do século passado. De lá para cá, foram perdendo chão para raízes do algodão mocó, que, mais rico, logo tomou conta das várzeas e foi subindo pela caatinga das encostas. Algodão de fibra longa, 36/38 mm, embarcado para o estrangeiro e trocado no mercado no tinir de libras esterlinas. A segunda Grande Guerra fez o matuto cavoucar a caatinga e arrancar as pedras que os gringos queriam – iniciando a fase da mineração estratégica.

**C**ordão de pedra<sup>11</sup> esbarrando a carreira de algum riacho, fazendo empoçar água, à moda represa, bem pode ter sido o b-a-bá do sertanejo no trabalho de açudagem. Ou, quem sabe, a astúcia de algum marinheiro<sup>12</sup> que carreou para o sertão a experiência trazida de outros sertões da outra banda do mar. Mais tarde, em 1909, é que veio a IFOCS – hoje DNOCS –, construindo as grandes barragens que em outubro de 1959 acumulavam 170.367.000 m<sup>3</sup> d'água no Seridó. Isso sem falar nos particulares ou construídos por cooperação com aquela entidade.

Qual o mais velho açude no Seridó, não o sabemos. José Augusto Bezerra de Medeiros acredita ser o da Velha Merência (abreviatura de Emerenciana), no município do Caicó. Uma enquete que procedemos em dezembro de 1958 dizia ser o do Recreio, também naquele município, construído em 1842. Na certa,

---

11 Cordão de pedra: fileira de pedra, natural, comum à caatinga seridoense.

12 Marinheiro: é como o sertanejo ainda designa os tipos louros e claros – provável reminiscência do português colonizador.

parede levantada no arrastão do couro de boi (I)<sup>13</sup> e à custa de muque de negro escravo.

E logo o sertanejo aprendeu que sua melhor forma de fazer economia era guardar água em açudes. Dali tirava as vazantes para comer verde nos meses de seca, batata para si, para as feiras e para melhorar o trato do seu gado. A jusante úmida onde fazer um sítio de fruteiras (coqueiro, mangueira, mamoeiro) e criar capim de planta<sup>14</sup> para o trato dos animais. Água onde fazer desovar e engordar peixe. Água boa e doce para a gente e para a criação<sup>15</sup>.

Pequenos oásis feitos a muque de escravo e arrastão de boi. Mais tarde, a suor de cassaco<sup>16</sup> e lombo de jumento e, agora, a zoada de motor – gasolina e óleo diesel. Pequenos barreiros – a mais das vezes – ou pequenos oceanos doces do DNOCS, uns e outros mostrando ao matuto a lição de uma policultura que tende a aumentar com o crescimento dos recursos técnicos.

Com o tempo, o açude ganhou de importância na economia do fazendeiro que, sabedor do quanto representava, não tomava pé em sacrifícios para construí-lo. Muitos limparam os fundos

---

13 N.E.: Esta publicação, em sua primeira edição, de 1961, traz dois tipos de notas: o primeiro tipo constitui-se como notas de rodapé, sinalizadas com (\*); o segundo refere-se a notas de fim, sinalizadas com algarismos árabicos entre parêntesis. Ambas são notas explicativas, contudo, a de segundo tipo traz longas citações. Desse modo, optamos por manter os dois tipos. Para distinção, as notas de rodapé estarão numeradas com algarismos árabicos, enquanto as notas de fim, com algarismos romanos.

14 Capim de planta: *Panicum barbinode* Trin., fam. das Gramíneas.

15 Ver FARIA, Oswaldo Lamartine de. *A caça nos sertões do Seridó*. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola. 1961.

16 Cassaco: Trabalhador nômade das construções públicas (estradas e açudes) do interior do Nordeste.

dos baús de qualquer tostão guardado, minguaram a compra das mudas de roupa, se desfizeram das melhores vacas de leite, venderam algodão na folha<sup>17</sup> e deixaram de mandar os meninos à escola – para alevantarem as paredes de seus açudes. Sabiam que valorizavam suas terras e seriam, no amanhã, melhorados pelo sacrifício daquele gesto. Tanto assim que, já em 1909, o desembargador Felipe Guerra (*Secas contra a seca*) escrevia:

Aqui no Seridó, já tem havido quem se tenha proposto a construir à sua custa, açude de outrem, tendo como remuneração o peixe que pescar no mesmo açude, em 10 anos consecutivos.

**D**e certo que, muito antes do açude, já pescavam por aquelas ribeiras. Nos rios – quando açoitavam as cheias nos anos bons de inverno – ou mesmo quando apartavam, deixando em alguns cantos poços que guardavam água por muitos meses. Em *Secas contra a seca*, conta Felipe Guerra que na seca de 1774:

Os moradores do rio Piranhas se viram na precisão de desmanchar as redes de dormir para a pesca do peixe, sendo este tão magro que só tinha a escama e a espinha e sem outra mistura que água e sal.

A atividade da pesca vem desde o engatinhar da história do homem sobre a terra. Naturalmente que os processos e instrumentos evoluem com ele através das gerações...

**E**spiando os métodos de pesca usados pelo sertanejo e na tentativa de conhecer suas raízes, distinguimos:

---

17 Vender na folha: vender na entressafra.

1. Europeia: tarrafa (II), rede (III), anzol (IV), explosivos e sifão.
2. Indígena: anzol, tingui (V), bulha (VI), pescaria à mão (VII), armadilhas (jiquiás ou covos) e espera (flechar).

Na verdade, alguns dos instrumentos de pesca acima enumerados são comuns às duas culturas. Soluções que parecem ter surgido ao homem nas diferentes terras sem que para isso tenha havido, obrigatoriamente, contato entre eles. Assim, não nos atrevemos a formas rígidas de admitir uma raiz comum para certas etnias.

**F**az-se a pescaria de açude por processos mais ou menos idênticos, pouco variando com o passar dos anos. E muitos dos pescadores de hoje são filhos de pescadores, que sentiram o despointar da barba e o engrossar da voz ajudando os mais velhos a escalar peixe, consertar e estender as redes, mergulhar nos porões de açudes<sup>18</sup> para desenganchar uma tarrafa ou mesmo arremedando lances à beira d'água com suas tarrafas de menino.

Os açudes estão crescendo de tamanho. Mesmo sem falar nos do Governo. É que hoje o fazendeiro pode construir em cooperação com o DNOCS<sup>19</sup> e quando, no chão de suas terras, se formam ombreiras, apertando um riacho, e sobra algum dinheiro da safra, cuida em fazer uma aguada que possa tranquilizá-lo por mais de um ano de seca. Reservatórios de maior volume, profundidade e peixados com novas espécies vão influir, naturalmente, nos tradi-

---

18 Porão de açude: o lugar mais profundo, próximo à parede, de onde, normalmente, foi escavado terra para a construção.

19 Lei nº 1918, de 24.VII.1953, combinada com o Regulamento expedido pelo Decreto nº 19.726, de 20.II.1931.

cionais processos da pescaria sertaneja. Daí a nossa pressa de relembrá-los para que, amanhã, os nossos filhos encontrem resposta à natural pergunta: Como era naquele tempo?...



Gravura do livro de Staden, 1554.

“[...] São destros em caçar e pescar com flechas. Quando aparece um peixe, atiram, e raro erram... E, quando querem pescar de rede, juntam-se vários, e batem para espantar o peixe e tangê-lo para a rede.” (STADEN. Hans. *Suas viagens e captiveiro entre os índios do Brasil*. 4. ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1945).

**G**abados são os açudes bons criadores de peixe, gordos de plâncton, lamenços às vezes, e que, nos lances da pesca, dão redes cheias. Raros, os maus criadores e, menos raros, os temidos pela infestação da piranha. Peixe malvado, que estraga os outros, arranca chaboque<sup>20</sup> dos beiços e das tetas do gado nas bebidas, e faz respeito ao bicho-homem.

Os proprietários, sempre que podem, lançam mão de tudo para exterminá-las:

a) Dinamite – mais usada antes da pegada do inverno, quando o açude está mais baixo. Rebolam carne-verde na água para atrair a piranha e quando o cardume fervilha no engodo sacodem<sup>21</sup> a dinamite.

b) Sifão (ou rasgar a parede do açude) – usado para esgotar a água, permitindo o mais fácil extermínio do peixe.

c) Tingui – empregam o ninho do arapuá (VIII), o mussambê (*Cleome aculeata* Linn., fam. das Caparidáceas), cabacinha (*Luffa operculata* Cong., fam. das Cucurbitáceas), a casca da timbaubeira (*Enterolobium Timbouva* Mart., fam. das Mimosóideas) e o cipó-capeta ou cindi-capeta (IX). Não sendo este último comum à flora da região, é trazido dos cariris cearenses.

O uso de ervas é mais comum. Amontoa-se o tingui na água rasa, onde permanece de molho de 2 a 3 dias. No fim do terceiro dia, bate-se de cacete a erva, que faz desprender seu efeito tóxico.

---

20 Chaboque: naco, pedaço.

21 Sacudir: no Nordeste é sinônimo de atirar, lançar, arremessar.

Tingui, para o sertanejo, é toda planta ou substância que tinge, i. é, intoxica, o gado ou “embebeda” os peixes<sup>22</sup>. Daí a quadrinha que ouvimos lá para as bandas do Ceará:

Lá no rio do Beberibe  
Minha sogra se banhou,  
Distante de meia léguas  
Os peixes se embebedou...

d) Dentre as recomendações feitas pelo Serviço de Piscicultura do DNOCS<sup>23</sup>, como medida profilática de combate à piranha, destaca-se a construção de sangradouro com um desnível médio de 1,50 m na parte final (X).

**H**omem de merecimento tem de ser o chamado dono de pescaria ou das redes. É ele o cabeça, o proprietário das redes, quem toma conta do transporte do material e o responsável pela compra do peixe.

Apartado o inverno (período das chuvas), quando a água dos açudes baixa de nível, deixando a descoberto melhor chão para as vazantes<sup>24</sup> – de setembro a outubro –, os pescadores principiam a despessa, de açude em açude, até que os primeiros relâmpagos ou a fala mais grossa do pai da coalhada<sup>25</sup> façam-nos então trocar a tarrafa pelo cabo da enxada. Pescadores profissionais de entre-

22 Ver GALVÃO, José Braz. *Forrageiras nativas nos sertões do Seridó*. Rio de Janeiro, Seleções Agrícolas, out. nov. e dez. 1960.

23 Ver MENEZES, Rui Simões de. *A piranha nos açudes do Nordeste*. Fortaleza, Serviço de Piscicultura do DNOCS, pub. nº 134, mimeog.

24 Vazantes: cultura de subsistência que fazem nas margens frescas dos açudes e leito seco dos rios.

25 Pai da coalhada: trovão, que prenuncia as chuvas e a fartura do leite.

safra, i. é, durante a seca e agricultores, ou de atividades diversas, nos meses de inverno.

E no ciganismo da despesca de um açude para outro, ainda viajam muito a pé, em turmas de 10 a 20 homens com arreação (XI), redes, tarrafas e landuás na carga de dois ou três jumentos. Dizem ser o mais brincalhão e pornográfico em suas pilhérias, de todos os tipos sociais do Seridó. Nas distâncias maiores, e dada a atual facilidade de transportes, já usam o caminhão.

**I**mportância maior é a da prova do açude para as negociações de compra. Dois ou três tarafeiros, dos mais experimentados, lanciam nas diversas águas da barragem para avaliar a quantidade e qualidade do peixe. A compra pode ser:

Dentro d'água – por prazo de dias determinados.

De meia – em que é dividido o peixe entre o dono da pescaria e o proprietário do açude. Este entra com a metade do sal a ser gasto e, quando é um açude sujo (com garranchos, cercas submersas etc.), costuma fornecer trabalhadores para ajudar na “limpa”.

Acertando o negócio, começam os trabalhos para o levantamento do “rancho”.

**J**uazeiro é que dá sombra boa para a gente se arranchar no serão. Mas pescador prefere mesmo é uma latada de rama<sup>26</sup> na beira do açude. É que o sal do trato do peixe mata os pés de pau...

---

<sup>26</sup> Latada de rama: cobertura de caules com folhas, à guisa de telhado. A “rama” mais preferida é a da oiticica (*Licania rigida* Benth., fam. das Rosáceas).

Alevantado o rancho, entoram algumas estacas na beira d'água, separadas de 3 a 4 metros uma da outra, para secagem e conserto das redes. Daí por diante, cada um cuida de sua obrigação, assim distribuída:

*Tarrafeiros* – A tarrafa é de propriedade particular, como também os landuás. Apenas as redes pertencem ao “dono da pescaria”. Os tarrafeiros são diaristas, ganhando a mesma cousa que um operário especializado<sup>27</sup>. Tarrafeiros bons e maus percebem a mesma diária. Há os tarrafeiros de pé no chão, que lanceiam pela beira d'água, e os balseiros, que pescam da balsa (XII). Vez por outra, o balseiro pode lancear também de pé no chão.

*Redeiros* – Em geral, o redeiro é o “dono da pescaria”, ajudado por um ou dois pescadores – número que varia com o tamanho da rede. Nos trabalhos de conserto e enxuga da rede, os demais também ajudam, com exceção dos landuazeiros.

*Landuazeiros* – Ganham por cabeça de peixe apanhado<sup>28</sup>. Não têm obrigações de adjunto, mas comem no rancho, por conta do “dono da pescaria”.

*Tratadores* – Dois escaladores – que abrem o peixe pelas costas e o “retalham” com dois golpes em cada face interna, ao comprido – e um salgador. Todos são diaristas, percebendo o mesmo dinheiro que os tarrafeiros.

---

27 Cr\$ 5,00 a 8,00 em 1942; Cr\$ 100,00 por dia, “boiado”, i. é, incluindo a alimentação, em 1960 (inf. de Bento Xavier D’Almeida).

28 Em 1942, Cr\$ 0,10 a 0,20 por cabeça de traíra; em 1960, Cr\$ 1,50 por peixe de classe: traíra que não seja “suvela”, piau e curimatã.

*Arreeiro* – Um, encarregado da comida de todos. É também diarista, ganhando a mesma quantia que os tratadores.

**K**alendário<sup>29</sup> de pescaria nos açudes principais com a catimboia (XIII) feita de garranchos secos. A madeira verde só é empregada na falta de outra, porque, azedando com a água, torna-se pouco procurada pelo peixe.

É encoivarada em um recanto raso do açude, local escolhido pelo “dono da pescaria”, preferivelmente pouco lamacento, i. é, de chão duro e com 1,30 m de fundura. Sempre que possível, o bom é fazer a catimboia com alguns dias de véspera para que o peixe vá se acostumando e nela se acoitando.

Sol fora (6 horas, hora solar) é servido o café simples. Daí até a hora do almoço, mais ou menos às 8h30, ocupam-se do conserto das redes, tarrafas etc. No comum, o almoço consta de rapadura, munguzá, feijão, arroz, carne ou peixe e café. Acabada a refeição, fazem a muda da roupa por uma calça de brim pardo cortada à altura dos joelhos e iniciam a pescaria. Poucos usam chapéu (que é feito de palha de carnaúba) e raros vestem camiseta.

**L**anduazeiros, tarrafeiros e balseiros – em fila – iniciam a pesca no porão. Os landuazeiros nadam conduzindo o landuá na cabeça, à moda chapéu, ou nos dentes, preso pelo “pano”. Não costumam pescar a mais de 10 palmos de fundura, preferindo as águas mais rasas. Nadam observando a superfície da água, e identificam a traíra pelas bolhas de ar que sobem quando o peixe se arrasta

---

<sup>29</sup> Kalendário: nos tradicionais A.B.C. (poesia popular mnemônica narrativa), a estrofe que se iniciava com a letra “K”, comumente o fazia com a palavra “kalendário”.

pela lama. Mergulham, cobrem a traíra com o landuá, e a trazem à tona, assoprando um assobio prolongado. Matam-na pela fratura do espinhaço para depois enfiá-la na embiricica (XIV), que é presa ao cinturão.

O landuazeiro pode, menos nas vizinhanças da catimboia, pescar disperso dos outros. É um nadador infatigável, donde a comparação: “Fulano dentro d’água é que nem peid... – não morre afogado”.

Os balseiros prendem a balsa pela ponta e, em fila, iniciam o lancear. Quando sucede a tarrafa enganchar, prendem a corda na balsa e mergulham. Não podendo desprendê-la sozinhos, pedem ajuda a outro de maior fôlego.

Recolhida a tarrafa depois de um lance, o peixe é morto a pau-ladas (piau, curimatã, cangati e piranha); o cascudo, pela fratura da coluna vertebral, forçando a cabeça para baixo, enquanto a traíra, forçam-na para cima. Feito isso, o peixe é enfiado na embiricica.

O gesto de lancear é o mesmo de toda a parte. Amarrada a corda no pulso, prendem uma chumbada nos dentes, distribuindo a tarrafa nas mãos, mais ou menos em partes iguais para, com um galeio, arremessá-la longe.

**M**alhada a tarrafa, braça por braça, aquele canto do açude, os re-deiros (cuja balsa já se encontra de prontidão) cuidam de estender a rede, isolando-a. A rede é entrouxada na extremidade da balsa. Um pescador nada rebocando-a e outro, sobre ela, a distribui. Em seguida, mergulham para assentar a rede, i. é, verificar se as chumbadas estão pousadas no chão, afrouxando-as, quando muito esticadas.

Daí passam a lançar na área seguinte. Batida esta, uma segunda rede é atravessada, retirando-se a anterior, e assim sucessivamente.

**N**arração de pescaria não pode esconder a molecagem da encomendação do corpo. É quando um deles se prepara para mergulhar e descarrega sobre os outros toda sorte de nome feio. Assim fazem cientes de que, desaparecendo da tona d'água, os que ficam encomendam-lhe o corpo, i. é, passam o troco redobrado aos nomes recebidos.

Avizinhando-se da catimboia, tratam de cercá-la com as redes. Tendo muito peixe nela acoitado, passam de dois a três círculos de redes distanciados pouco mais ou menos uma braça um do outro. Segue-se a retirada dos garranchos e a pega do peixe preso pela balaiada.

Para isso ficam dois homens, bem juntos, nas duas pontas da rede. Entram uns quatro para o “cercado” e se postam equidistantes e de costas voltadas para o centro. Aí cada pescador mergulha e vai ajuntando as chumbadas no chão e recuando, aos poucos, no rumo do centro. Quando selevantam para tomar fôlego, as chumbadas ficam presas sob os pés. Chegando o momento de ficarem costas contra costas e de estar a rede esticada, seguem-se as pilhérias:

– Eu já istou isticado prá você...

Mergulham, então, todos de uma só vez, trazendo o molho de chumbadas à tona, prendendo-o junto às boias. Os dois pescadores das pontas da rede tomam direções opostas, mantendo-a sempre esticada, para que a formação da mesma passe de círculo a uma li-

nha reta. Isso conseguido, se dirigem para a margem do açude. Havia pouco peixe, comumente na última rede, é retirado à mão.

Esse trabalho pode terminar à tardinha ou se prolongar pela noite adentro, dependendo naturalmente da quantidade de peixe encurrulado. Entrando pela noite, é clareado pelo murrão (XV).

O empurra (XVI) é servido pelo arreeiro, na beira d'água, ainda tarde cedo (15 horas).

Esgotada a catimboia, voltam ao rancho, estendem as redes e jantam. A comida da janta não difere da do almoço. Dormem em redes.

**O** peixe entregue aos tratadores é “escalado”, salgado e arrumado até a manhã do dia seguinte, quando o chão é forrado com palha de cana, de arroz ou capim seco. Nessa “cama”, o peixe é espalhado, primeiramente emborcado, ou seja, de escama para cima. Logo que enxuga, é virado de escamas para baixo. Esse trabalho não vai além das 22 horas – hora de visagem como dizem por aqueles mundos.

Depois de enxuto é recolhido à sombra, espalhado, onde permanece até a manhã do dia seguinte, quando é casado – o que significa juntar dois peixes, mais ou menos do mesmo tamanho, pela face interna –, para ser empilhado. Quando é negociado na beira d'água, é ali pesado, sendo a balança fornecida pelo proprietário do açude.

**P**ossuindo o açude um braço comprido – onde as águas se estreitam –, apelam para o cerco da madrugada, também apelidado de “búia”, corruptela de bulha. Para isso, cuidam de preparar

as redes e balsas na tarde anterior. E do primeiro para o segundo canto do galo<sup>30</sup> – quando o peixe costuma se achar “comendo no raso” –, dirigem-se para o local, clareados pelo murrão, e atravessam, de mansinho, uma rede cortando a foz da represa.

Estendida a rede, tomam as cabeceiras da represa e tratam de fazer a bulha, i. é, bater na água, com zoadas, em direção da tapagem. O peixe amedrontado nada em busca do porão do açude, mas, esbarmando na rede, alguns ficam logo embaralhados em suas malhas. Uma segunda rede é logo atravessada, paralela à primeira, deixando o peixe assim encurralado entre as duas. Dali é retirado pelos tarrafadores.

**Q**uando dá muito peixe, sucede o quebrar da barra<sup>31</sup> ou o sol fora<sup>32</sup> alcançá-los no arremate final da bulha. E quando assim acontece, o dia é então destinado aos reparos das redes e ao repouso.

Quando usam o tresmalho (XVII) – rede de largura variável, chumbada mais espaçada, linha mais fina e boias graúdas –, é estendido obstruindo uma passagem, onde o deixam ficar de 24 a 48 horas. O peixe que tenta passar fica enganchado pelas barbatanas, caudas etc.

O açude não tendo um braço d’água onde possam fazer a “búia”, após o almoço do dia imediato, é reiniciada a pescaria com a catimboia em novo lugar, escolhido pelo “dono da pescaria”.

---

<sup>30</sup> Primeiro canto do galo: 1 hora da madrugada; segundo cantar do galo: 2 horas da madrugada.

<sup>31</sup> Quebrar da barra: 5 horas da manhã.

<sup>32</sup> Sol fora: 6 horas da manhã.

Pescam enquanto dá peixe que compense o trabalho. No fim de tudo, é descontado o peixe consumido pelos pescadores durante aqueles dias.

**R**edobrado é o trabalho quando sucede haver locas em serrates<sup>33</sup> submersas onde o peixe se acoita. Landuazeiros e até tarafeiros mergulham para arrancá-lo à mão dos esconderijos.

Quando surpreendidos, ante a coragem suicida por mergulharem em locas escuras e de águas turvas, algumas vezes infestadas de piranhas, ouvimos um veterano justificar-se com a mais humilde naturalidade:

– É u'a asneira, moço. A gente mergúia e vai tateando pelo rosnado da bicha. Quando roça nela, coça a barriga e ela se abre toda. Aí é só infincá os dêdo nas guelra e cuidá em subi. A piranha é que nem tubiba<sup>34</sup> – num qué é pancada.

**S**ortidos são os apetrechos que usam os pescadores sertanejos:

*Tarrafá* – A tarrafá, medida do punho às chumbadas, tem de 12 a 18 palmos. Para melhor clareza, dividiremos a sua nomenclatura em ordens decrescentes, i. é, corda, punho, pano de crescência, pano morto, saco e chumbadas.

---

33 Serrate: elevação pedregosa; aglomerado de pedras.

34 Tubiba: abelha meliponídea (*Melipona tubida*), pequena, mas muito agressiva e de mel muito apreciado.

Corda – Medindo de 12 a 13 metros, é manufaturada, de preferência, do cabelo da cauda dos bovinos. Corta-se o canudo<sup>35</sup> e lava-se bem lavado, sendo depois posto a secar e, em seguida, desfiado em superfície limpa. Isso obtido, é entrouxado, prendendo-se pequena quantidade na cabeça do cambito. E enquanto um dos operadores gira o cambito e se afasta, de modo que a “corda” permaneça sempre tensa, o outro fia, i. é, regula a grossura para que fique uniforme.

Querendo-se uma corda de três pernas, torce-se quantidade de cabelo três vezes superior à distância pretendida, para a direita; dobra-se, juntam-se as pontas e, com a ajuda de dois cambitos, torce-se para a esquerda. É ainda dobrado em três partes iguais e torcido novamente para a direita. Arrematadas as extremidades – numa fica a laçada do pulso e na outra o punho da tarrafa.

Punho – Pode ser começado com 24, 36 ou 48 malhas. É formado de uma única “carreira”, toda feita a “nó cego ou de gato”.

Pano de crescência – Sendo de 24 malhas, de 2 em 2 malhas, há uma crescência; sendo de 36, de 3 em 3 malhas; e quando de 48, de 4 em 4 malhas. As crescências das carreiras seguintes ficam exatamente abaixo da primeira. O pano de crescência tem de 20 a 28 crescências, variando com o tamanho da tarrafa e a largura da malha<sup>36</sup>.

Pano morto – É a continuação da malha sem a crescência. Tem cerca de 40 cm. Toda a linha usada, até o pano morto, inclusive, é a “Urso nº 1”.

---

35 Canudo: cacho central da cauda.

36 Ver os desenhos do nó de homem que forma a malha e do nó de gato ou cego, a crescência.

Saco – (linha “Urso 00” ou “fio da Bahia”); continua a mesma malha, sem as crescências. Tem cerca de 0,75 m.

Chumbadas – O chumbo é cortado em quadriláteros com 1/3 do comprimento da malha para ser enrolado em um cordão de mais ou menos 17 mm. de largura. O espaço compreendido entre uma chumbada e outra mede exatamente o comprimento de uma chumbada.

Tensos – É o cordão (linha nº 1, em duas pernas) que liga as chumbadas ao ponto em que o pano morto termina. Tem cerca de 18 cm, ficando, depois de atado, com 11 cm.

*Landuá* – É feito de cordão e sua manufatura se assemelha à da tarrafa, i. é, com nó de homem, dado nos dedos, sem auxílio da tabuleta. Não tem pano morto nem saco e as crescências são dispostas à vontade. A malha tem de 6 a 8 mm (ver desenho).

*Rede*<sup>37</sup> – Utilizam a linha “Urso nº 00”. As boias são de imburana (*Bursera leptophloeos* Engl., fam. das Burseráceas). As malhas são dadas a nó de homem como na tarrafa. As boias estão afastadas uma da outra por 5 malhas e as chumbadas guardam um intervalo de uma malha. Mede de 8 a 20 palmos de largura e bem umas 20 braças de comprimento.

O tresmalho difere da rede por ser mais largo, linha mais fina, boias graúdas e menor número de chumbadas.

---

<sup>37</sup> Modificações que envolvem o material e até os tradicionais métodos de pesca sertanejos têm surgido de uns tempos para cá – decorrentes, principalmente, do peixamento dos açudes pelo Serviço de Piscicultura do DNOCS com novas espécies. Nas derradeiras letras trataremos do assunto.

*Balsa* – é construída pelos pescadores, tendo o proprietário do açude que fornecer madeira à beira d'água. De costume, medem 6x8 palmos. As madeiras mais empregadas são: mulungú (*Erythrina velutina* Willd. fam. das Leguminosas Papilionadas), imburana (*Bursera leptophloeos* Engl., fam. das Burseráceas), raiz de timbaúba (*Enterolobium timouva* Mart., fam. das Leguminosas Mimosóideas) e até mesmo o pseudocaule da bananeira (*Musa sapientum* Linn., fam. das Musáceas).

\*\*\*\*

O normal é os proprietários disciplinarem a época da pesca – até mesmo a de anzol – para que o peixe não fique escaldado<sup>38</sup>, dificultando a despesa anual. Essa proibição é esquecida nas grandes secas, quando é comum, principalmente aos domingos e dias santos<sup>39</sup>, os moradores<sup>40</sup> buscarem fisgar alguma traíra com que engrossar o caldo da panela.

Os mais velhos, mulheres e meninos fazem a pesca do litro (garrafa). Quebram a reentrância do fundo de um litro, arrolham a boca do mesmo e o iscam com farinha de mandioca, deixando -os, semicheios, a flutuar com água pelos “ombros” nos lugares mais rasos. Em poucos minutos, recolhem-nos, fervilhando de piabas e camarões.

---

38 Escaldado: arisco, desconfiado, “açoitado”.

39 Dia santo: o sertanejo não costuma guardar os feriados nacionais, mas é rigoroso no respeito aos dias santificados que os tem em maior número que os recomendados pela Igreja.

40 Morador: assalariado que reside na fazenda; geralmente o parceiro-agricultor.

**T**abuada de pescador ou, no falar mais acertado, do dono do açude, não controla o rendimento do pescado de modo a permitir um cálculo em relação ao valor da construção ou da área inundada. Os construídos pelo DNOCS, de maior volume, esbarram em dificuldades diversas que consistem desde a ausência de pessoal encarregado ao dito controle, até o peixe franqueado aos flagelados nos anos de seca por força de legislação existente<sup>41</sup>.

Está bem-visto que as negociações de compra entre o dono do açude e o “dono da pescaria” fazem com que eles conheçam, no fim da “safra”, quanto rendeu o peixe. Mas esse número-resultado fica apenas na lembrança do proprietário, tendendo a desbotar com o tempo... Daí a maior dificuldade na obtenção de um apanhado que permita melhor análise.

Rui Simões de Menezes, na monografia atrás aludida, transcreve na “Tabela V”, o apanhado de 5 anos, referente ao açude Cruzeta<sup>42</sup>:

Ano	Nº de exemplares	Valor em Cr\$
1938	47.410	23.705,00
1939	148.383	74.191,00
1940	403.511	191.934,50
1941	109.154	54.577,00
1942	283.000	89.250,00
Total	946.458	433.657,50

41 MENEZES, Rui Simões de. *O peixe dos açudes como fator bioeconômico*. Fortaleza, Serviço de Pisciculturas, DNOCS-MVOP, pub. nº 106, s.d. mimeog.

42 O açude Cruzeta, no município do mesmo nome, tem a capacidade de 29.753.000 m<sup>3</sup> e uma área coberta de 711,7 ha.

Na verdade, os números transcritos representam valores aproximados, de vez que os técnicos calculam em 30% o pescado que escapa ao controle estatístico.

Em um outro estudo do mesmo autor<sup>43</sup>, abarcando 33 açudes públicos do Nordeste, informa:

O valor total da construção dos açudes públicos acima referidos foi de Cr\$ 128.152.239,48, donde se conclui que a estimativa da produção do pescado, sendo do valor total de Cr\$ 32.740.854,20, representa 25,5% do referido custo de produção.

Desses 33 açudes mencionados acima, apenas três estão enterrados no sertão do Seridó, apresentando as seguintes percentagens: Cruzeta 99,3%, Itans 21,7% e Mundo Novo 535,1%.

**U**ma coisa é certa: ninguém ignora que o rendimento mostrado nos números atrás seria bem mais modesto não fosse a melhoria quantitativa e qualitativa resultante do trabalho de peixamento promovido pelo Serviço de Piscicultura. Ainda é do estudo que aludimos o esclarecimento de que:

[...] até agosto de 1948 foram distribuídos, gratuitamente, 1.007.120 alevinos selecionados, sendo 529.340 em açudes particulares e 477.780 em açudes públicos. As espécies ictiológicas regionais contribuíram com 18,214% da distribuição; as do Amazonas, aclimadas, com 27,637%; as do S. Francisco, aclimadas, com 39.742%; e as do São Francisco cuja aclimação não foi ainda comprovada, com 14,407%.

---

43 MENEZES, Rui Simões de. *Importância da piscicultura na economia do Nordeste*. Fortaleza, Serviço de Piscicultura, DNOCS-MVOP, s.d. mimeog.

Está aí em que dá esse trabalho – quase anônimo – de um serviço desajudado de verbas e plantado em Lima Campos, no Ceará, para atender toda a área do Polígono das Secas com 834.666 km<sup>2</sup><sup>44</sup>. Tanto assim que não é de se estranhar, hoje, compor a mesa do sertanejo peixes do São Francisco e da Amazônia<sup>45</sup>. Mesmo nos açudes do Seridó, informa Bento Xavier D’Almeida (encarregado do Posto Agrícola do Itans), têm tirado pirarucu de 64 kg com 1,92 m.

Vaquejando o assunto de como se pescava por aqueles mundos, é forçoso aproveitar essas derradeiras letras do A.B.C. para o registro das usanças consequentes do peixamento com espécies de outras águas.

Ajudas substancial nos foi dada por Bento Xavier D’Almeida, encarregado do Posto Agrícola do Itans, no Caicó. É ele que nos manda dizer por aqui assim:

O tucunaré tornou necessário o uso de material moderno e o aparecimento de uma nova classe de pescadores especializados.

À guisa de caniço, usam uma vara linheira de pereiro-branco (*Aspidosperma* sp. fam. das Apocináceas), emendada ao meio e ajoujada com tiras de câmaras de ar, tendo a ponta bem flexível. A linha é a de náilon .60 ou .70 mm e com 1 a 2 m de comprimento maior que o da vara.

---

44 MENEZES, Rui Simões de. *Importância da piscicultura na economia do Nordeste*. *Op. cit.*

45 “Por outro lado, durante os dez primeiros meses do ano, açudes públicos no Nordeste, peixados com pirarucu, forneceram 146 ton. desses peixes amazônicos, avaliados em 1 milhão de cruzeiros”. BRASIL – DNOCS. *Introdução ao relatório de 1959*. Pub. nº 194, 1960.

O anzol é de manufatura local. Usam o fio de cabo de aço com grossura correspondente a BWG 17 a 18. O encastoamento é feito com arame de aço BWG 28 a 30.

A isca artificial é mais empregada quando as chuvas fazem correr os riachos e os açudes tomam água nova, alvoroçando o peixe. Comumente usam tiras de pano (camurça branca ou vermelha) de 1,00 a 1,20 cm de largura por 4,0 a 5,0 cm de comprimento – dependendo da água menos ou mais toldada. Vez por outra, também prendem ao anzol a nadadeira lateral do próprio tucunaré, aparada rente ao corpo.

Iscas naturais mais em uso: a) camarão<sup>46</sup> vivo, iscado pelo lombo; b) a piaba ou o lambari, vivos, também iscados pelo lombo; c) e a piaba morta, iscada pelos olhos.

E fazem a pescaria de vários jeitos:

1. Com a vara quieta, quando usam a piaba viva, porquanto esta é que fica nadando para servir de engodo ao peixe.
2. Movimentando, de vez em quando, a vara, de modo a acompanhar os movimentos da isca viva, no caso, o camarão.
3. Mexendo continuadamente a isca, com leves músicas, e mantendo a vara mais ou menos paralela à superfície da água. Isto quando a isca é artificial ou de piaba morta.

---

46 “O DNOCS vem introduzindo nos seus reservatórios, com intuito de servir de auxílio na alimentação dos peixes nele lançados uma espécie de camarão procedente da bacia Amazônica identificada como sendo o *Macrobrachium amazonico*. Por ocasião da seca de 1958, as populações carecidas de alimentação lançaram mão de todos os recursos no sentido de obter o indispensável à sua sobrevivência. A abundante proliferação do camarão constituiu um atrativo e sua pesca logo foi iniciada com os mais diversos aparelhos como sejam “litros” (garrafa), covos, landuás e redes. O sossego, denominação regional que ele recebeu, passou a ser capturado durante todas as 24 horas do dia por uma heterogênea classe de pescadores, do menino ao ancião, de ambos os sexos”. BRASIL – DNOCS. *Introdução ao relatório de 1959. Op. cit.*

Adianta ainda que quando o peixe está arisco, e no intuito de fazer ajuntar o cardume, “respingam” a água com alguns (3 ou 4) camarões com a cauda aparada, impedindo-os assim de fugir.

Diz-se que é uma pescaria rendosa e interessante, oferecendo mais das vezes um rendimento maior que 10 kg, a despeito do peso médio do tucunaré variar de 500 a 600 gramas. O maior exemplar que se tem notícia foi “ferrado” no açude Boqueirão de Piranhas, em Cajazeiras do Rolim, Paraíba, pesando 7,200 kg<sup>47</sup>.

Informa que “o tucunaré anda em cardumes quando o alimento escasseia e só é indicado para açudes com mais de meio milhão de metros cúbicos (0,5 milhões m<sup>3</sup>), após ser povoado com camarões – porquanto é muito rápido e voraz<sup>48</sup>.

---

47 “O açude Itans (Caicó, RN) peixado com 2.319 tucunarés e 1.453 tucunarés-pinima, produziu de 1944 a junho de 1950, um total de 27.176 exemplares. Um exemplar fêmea no açude Carioca (Maranguape, CE) teve, em 1 ano, 3 meses e 19 dias, o aumento seguinte: no comprimento, de 295 mm; na altura, de 110 mm e no peso, de 3.090 grs”. MENEZES, Rui Simões de. *O tucunaré nos açudes do Nordeste do Brasil*. Chácaras e Quintais, São Paulo, v. 82 p. 685 de 15 nov. 1950.

48 “No açude Piranhas, de XI/1948 a III/1950, a alimentação de 1.700 tucunarés examinados foi: camarão 1.285 exemplares (75,588% do total); peixe 272 (16%); nula 112 (6,588%); camarão e lodo 9 (0,529%), lodo 8 (0,471%) etc. O tucunaré-pinima, no mesmo açude e período apresentou: camarão 1.052 exemplares (63,758%) do total); peixe 350 (21,313%); nula 202 (12,243%); lodo 15 (0,910%) etc. O Serviço de Piscicultura só introduz o tucunaré em açudes onde existem a piranha e a pirambeba. Isto não é feito por se pensar que o tucunaré venha a devorar as nocivas piranhas e pirambebas, e sim porque os técnicos do Serviço apuraram ser o tucunaré uma espécie ictiológica que protege os seus ovos larvas e alevinos, perfeitamente aclimada (sem prejuízo do crescimento, peso e produtividade) nos açudes do Nordeste e considerado o melhor peixe da Amazônia”. MENEZES, Rui Simões de. *O tucunaré nos açudes do Nordeste do Brasil*. Cha. e Qui. *Op. cit.*

**X**istoso<sup>49</sup> é o peixe pirarucu. Trazido em 1942 para as águas daqueles sertões, tem desovado em milhares e crescido a ponto de já terem pescado deles com 120 kg de peso e 2,20 de comprimento. Come peixe miúdo e camarão<sup>50</sup>. No Amazonas, ele é arpoado quando sobe para respirar. Mas a água do açude, mais turva e crespa de marretas<sup>51</sup>, dificulta o uso do arpão. E o pirarucu tem o céu da boca duro que só pedra, a ponto de o anzol nele não poder entrar. Assim, tem de ser fiscado mesmo na goela ou pelos cantos da boca.

É ainda Bento Xavier D’Almeida quem nos ensina:

Usamos fazer a pescaria de duas maneiras:

1º) O cabo de algodão bem torcido, grossura de 3 a 4 mm, com anzol nº 8/0, encastoamento de 20 cm de arame nº 16. O arame serve para evitar o desgaste do cabo pelos pequenos dentes do peixe.

Quase sempre são precisos dois homens para arrastar o pirarucu da água e matá-lo a cacetadas – o que fazem com um cano de ferro na parte superior da cabeça. Logo depois de morto, tem de ser sangrado nas guelras para melhorar o aspecto da carne e facilitar a sua conservação. O pirarucu tem sangue morno.

2º) O nosso material de amador é constituído pelo molinete “Pen 140” e “Senator 3/0”. Linha de náilon de 1,00 mm com 75 m de comprimento e anzol 6/0.

---

49 Xistoso: esquisito.

50 FONTENELLE, Osmar. *Contribuição para o conhecimento da biologia do pirarucu*. Fortaleza, DNOCS-MVOP, pub. 166, série 1-C.

51 Marreta: onda pequena, marola.

O cabresto que liga o anzol ao náilon é de arame de aço nº 22, medindo de 20 a 25 cm de comprimento. A chumbada pesa de 50 a 100 grs, sendo colocada acima do arame e, como é perfurada, o náilon corre no orifício.

O cabresto é de arame para evitar o desgaste resultante dos dentes do pirarucu. A chumbada é perfurada, cilíndrica para que (o peixe nos pulos que dá acima d'água), quando ferrado, não ofereça resistência de partir o náilon.

Após o lançamento do anzol, o molinete fica de catraca ligada e o caniço preso ao cano que é enfincado ao solo.

**Z**oada de fazer o coração dar pinotes e bater mais acelerado é quando a catraca estala com peixe fisgado e o pescador ainda não sabe o tamanho de quem está na outra ponta da linha.

Ferrado, o pirarucu pula fora d'água, ficando com o corpo todo à mostra, sacudindo a cabeça, de mandíbulas escancaradas, lutando para escapulir. É o momento que reclama diligênciia, de modo a evitar forçar muito a linha nem afrouxá-la para que o peixe não escape.

Luta muito. Primeiro, aos pinotes, fora d'água. Depois mergulha e experimenta a força do pescador e do material, para de novo subir e estrebuchar na flor d'água.

Diz-se que é comum, das 18 às 21 horas, ferrar-se de 4 a 5 peixes. A maior dificuldade é saber arrastá-los...

Recomenda-se para melhorar o gosto da carne, após a salga, expô-la ao sol da manhã e da tarde durante alguns dias (3 a 7), para ser consumida assada ou cozida em leite de coco.

“O til é letra do fim<sup>52</sup> – quero findar minha história” com um apanhado da ictiofauna sertaneja, melhor enumerado na tabela do príncipe dos poetas populares – Ignácio da Catingueira:

Os peixes da minha terra  
São piau e cangati,  
Curimatã e traíra,  
Piranha e jundiaí,  
Branquinha, cará, piaba,  
Bico de pato e mandi,  
Uiú ou cabeça seca,  
Tamboatá e cari...  
Eu tanto pesco de anzol  
Como mato de tingui,  
O que escapa da tarrafa  
Cai dentro do meu jequi.

As espécies nativas de maior valor comercial são:

Cangati – *Trachycorystes* sp.  
Cará – Fam. *Cichlidae*  
Cascudo – Fom. *Loricariidae*. Gên. *Plecostomus*  
Curimatã – *Prochilodus* sp.  
Piau – *Leporinus* sp.  
Piranha – *Serrasalmus* sp.  
Traíra – *Hoplias malabarica*.

---

52 “Nas velhas cartas de A.B.C., depois da última letra, havia o til. O sertanejo recitando o alfabeto nunca esquecia de citar o sinal que lhe parecia uma letra também. Todos os versos de A.B.C., por esse motivo, incluem o til. Como não é possível arranjar-se tema com ele, aproveitam para uma frase de ironia, uma despedida, um motejo”. CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Porto Alegre, Livraria do Globo. 1939. 275 p.

Trazidos de outras águas (Amazonas, Parnaíba e São Francisco) pelo Serviço de Piscicultura do DNOCS:<sup>53</sup>

Apaiari – *Astronotus ocellatus* Spix.

Curimatã-pacu – *Prochilodus argenteus* Spix.

Pescada cacunda do Amazonas (Pescada AmC) – *Plagioscion surinamensis* Bleeker

Pescada do Piauí – *Plogioscion squamosissimus* Heckel

Piau verdadeiro do S. Francisco – *Laporinus* sp.

Pirarucu – *Arapaima gigas* Cuvier

Tucunaré comum – *Cichla ocellaris* Bloch et Schneider

Tucunaré pinima – *Cichla temensis* Humb.

Tilápia – *Tilapia malenoplectra* Dum.

---

53 Para um conhecimento mais completo da ictiofauna nordestina, consultar: ME-NEZES, Rui Simões de. Lista dos nomes vulgares de peixes de águas doces e salobras da zona seca do Nordeste e Leste do Brasil. In: *Arquivos do Museu Nacional*, vol. XLII: 343-388 17 est., 20.7.1953, Rio de Janeiro.



# Notas

(I) “Na construção das paredes (barragens) dos açudes, o sertanejo se utiliza de um couro de rês, cru, que enche de barro, e ao qual atrela um boi, ou uma “junta”, duas etc., por meio de um tirante de cordas, também de couro cru ou de correntes. O processo muito primitivo e demorado, mas ainda em voga no sertão, tem a vantagem de contar com a compressão da argila e da areia, feita pelos cascos dos animais, simultaneamente com o arriamento do material. Os matutos usam também os jumentos, que carregam o barro e a areia em pequenos surrões de couro ou em caixões de querosene”. MENEZES, Otoniel de. *Sertão de espinho e de flor*. Natal, Departamento de Imprensa, 1952. p. 270 p.

(II) “A tarrafa, que é incontestavelmente um elemento cultural português, propagou-se, no tempo pós-colombiano, com tal rapidez entre os indígenas brasileiros, que hoje em dia, ao primeiro aspecto, parece um elemento cultural ameríndio, pois entrou na mitologia indígena, o que, porém, se verifica igualmente com outros elementos culturais de pura origem europeia”. OTT, C.F. *Os elementos culturais da pescaria baiana*. Rio de Janeiro, Boletim do Museu Nacional – Antropologia nº 4. 1944. 67 p.

(III) “Pudemos também observar como fabricam suas redes de algodão (trabalho feito tanto por homens como por mulheres), com a agulha (de uns 18 cm de comprimento por 1 cm de largura) e a

bitola (cuja largura corresponde a da malha da rede que se quer fazer), entrando em ação até os dedos dos pés, para segurarem a parte da rede já pronta. Mas, todo esse processo parece de origem portuguesa, pois ainda que o indígena empregue também uma espécie de bitola, não nos consta haver o aborígene brasileiro conhecido tipo tão perfeito de agulha, cujo feitio se aproxima da forma da naveta usada antigamente na tecelagem europeia”. OTT, C.F. *Op. cit.* “Embora Fritz Krause encontrasse entre os índios Carajás redes de 150 m de comprimento, essas redes não constituem um elemento cultural indígena, mas remontam à influência europeia.” OTT, C.F. *Op. cit.* “A novidade em pescaria com redes é o uso do náilon. Eram importadas redes de “platil”, feitas na Alemanha, de malhas soldadas quimicamente. No açude General Sampaio, os pescadores estão fazendo redes de náilon 0,20 mm e 0,10 mm, de malhas com nós idênticos as de algodão. Experiências feitas, confrontando as redes de algodão com as de náilon, mudando a colocação das redes de algodão (ora no meio ora nos extremos), tiveram como resultado 35% favorável as de náilon”. Informação de Bento Xavier Almeida, em 4.8.60.

(IV) “Usados pelos pescadores baianos agora já não encerra influência indígena, não obstante haver sido também empregado pelos aborígenes da Bahia, que naquele tempo o fabricavam com espinhos e ossos”. OTT, C.F. *Op. cit.*

(V) “Tinguijada – pescaria feita com o envenenamento do peixe, lançando-se n’água para este fim, certas plantas tóxicas, como a meladinha, melão de São Caetano e o tingui, de que se origina

o termo. A tinguijada vem dos índios, que lançavam o tingui e outras plantas nos rios e alagados, para embebedar os peixes e assim facilmente pescá-los, como escreve um cronista seiscentista, o Pe. Simão de Vasconcelos (Pereira da Costa. *Vocabulário Pernambucano*, 708). Em Portugal, a pesca com trovisco era conhecida e usual desde a antiguidade. Era a entruviscada, entorviscada, introviscada, também um direito senhorial, começando com a criação da monarquia portuguesa. Os enfiteutas, vassalos e colonos eram obrigados não apenas a preparar o trovisco como dispor a merenda para os reis e fidalgos e seus séquitos “quando fosse seu gosto ocupar-se, uma vez no ano, deste proveitoso divertimento”. (Viterbo – *Elucidário I*, 283). CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro, MEC – Instituto Nacional do Livro, 1954. 660 p. “Timbó – nome dado ao sumo de diversas plantas que tem a propriedade de atordoar e matar os peixes que o ingerem, embora em pequena quantidade, sem, contudo, ser nocivo a quem os come. A planta ou a parte dela utilizada, o que varia conforme a qualidade, é pisada e misturada com tijuco. A mistura assim obtida é jogada n’água, em lugar escolhido. O peixe, quando o timbó é de boa qualidade e bem preparado, não demora muito a vir à tona, onde é apanhado sem dificuldade”. STRADELLI, E. *Vocabulário da lingua geral portuguêsa-nheêngatu e nheêngatu-português*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 104, v. 158. Rio de Janeiro, 1929.

“Ainda, ultimamente Elisworth Killip, nos “Ann. Rep. of the Smithsonian Instit. 1930-31, p. 401-408, “The use of fish poison”,

enumerou os gêneros das plantas que mais frequentemente são utilizadas para tal fim: *Tephrosia*, *Lupinus*, *Indigofera*, *Serjania*, *Lonchocarpus*, *Clibadium* etc., e tenho notas a respeito de outras, entre as quais lembro que está a própria pita (*Agave*), cujo suco tem as mesmas propriedades de tontear e matar o peixe". IHERING, Rodolpho von. *A pesca no Nordeste brasileiro*. Fortaleza, Serviço de Piscicultura DNOCS-MVOP. Pub. nº 9. mimeog.

(VI) "Possuem também pequenas redes feitas das fibras de uma palmeira de nome Tackaun (tucum) e, quando querem pescar de rede, juntam-se vários, cada qual ocupando um lugar na água. Se a água não é funda, entram nela, formam um círculo e batem para espantar o peixe e tangê-lo para a rede. Quem apanha mais peixes, divide-os com os outros". STADEN, Hans. *Suas viagens e captiveiro entre os índios do Brasil*. 4. ed. ilust. (Texto ordenado por Monteiro Lobato). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945 p. "[...]" e ajuntam-se muitos índios, e tapam a boca de um esteiro com varas e rama, e como a maré está cheia tapam-lhe a porta; e põem-lhe as redinhas ao longo da tapagem, quando a maré vazá e outros batem no cabo do esteiro, para que se venham todas abaixo a meter nas redes". SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*. 3. ed. São Paulo, 1938.

(VII) "[...]" se, de noite, não têm com que pescar, se deitam na água e, como sentem o peixe consigo, o tomam às mãos de mergulho". SOUZA, Gabriel Soares de. *Op. cit.*

(VIII) "De manhã cedo, dispúnhamos de seis pequenos ninhos de arapuá (*Trigona rufifcrus*), que foram abertos para ser aproveitada

apenas a parte mais consistente. O “scutellum”, massa dura que se compõe de detritos, cadáveres de abelhas, resina etc. Bem à moda do índio, foi o tingui esfarelado, utilizando-se pedras como martelo e como pilão.

Depois foi tudo jogado num grande caldeirão, dos que o rio escava na rocha e, juntando-se a água, formou-se um pirão mole. A este tempo, já estava ardendo uma fogueira, dentro da qual algumas pedras do tamanho de um coco eram aquecidas ao máximo. Tais pedras, jogadas no caldeirão, rapidamente elevaram a temperatura do pirão que ferveu. Com isso, o tingui se torna mais forte, mais ativo. Em seguida, a massa, agora um tanto consistente, foi distribuída por peneiros, e cada pescador pegou o seu, para levar o tingui nas águas do poço”. IHERING, Rodolpho von. *Op. cit.*

(IX) “Tingui capeta – *Magonia glabrata* St. Hill da família das Sapindáceas. Arvoreta ou quase árvore de flores amarelo-esverdeadas, odorantes, dispostas em grandes penículas. Os frutos são cápsulas secas, triangulares, castanho-avermelhadas, com diversas sementes largas e chatas. Planta tóxica. A infusão da casca da raiz empregam para tinguijar o peixe das lagoas e poços dos rios. Com o decoto das cascas do caule, lavam as feridas de mau caráter e as úlceras. As flores, de perfume agradabilíssimo, atraem as abelhas, mas o mel passa por venenoso. Amêndoas oleaginosas, que servem para sabão de qualidade inferior, fabricado principalmente no Cariri, entre a gente rural. Corrutela de *ty-gui* ou *tyghi*, o sumo, a espuma. Ou então, *ti*, branco, *ig*, água, água branca ou espumosa; ou ainda *tinga*, fétida, *ig*, água, por causa do mau cheiro

do sumo. BRAGA, Renato. *Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*. Fortaleza, Centro de Divulgação Universitária, 1953. 524 p.

(X) Além do escama-peixe nos sangradouros, executa o DNOCS a identificação dos poços e reservatórios infestados, subordinando o combate à montante, jusante e montante-jusante dos açudes. Ver MENEZES, Rui Simões de. *A piranha nos açudes do Nordeste*. Fortaleza, Serviço de Piscicultura, pub. nº 134. “O Serviço de Piscicultura do Ceará receberá 20 milhões de cruzeiros para iniciar a campanha de combate à piranha do Açude de Orós e cabeceiras do Rio Jaguaribe, de modo a permitir a criação de peixes em larga escala naquele reservatório.” *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 set. 1960.

“Após repetidos testes realizados, em laboratório, chegou-se à evidência de que, utilizando-se pó de timbó com 6% de rotenona, numa concentração de três partes por milhão (3 ppm) em água comum, a piranha perece em 11 minutos, enquanto as demais espécies ictiológicas regionais resistem, perfeitamente. A técnica usada no tinguijamento consiste em transformar o pó de timbó em pasta e, em seguida, colocá-lo em sacos de tecido de algodão, poroso, dissolvendo-a em toda a área coberta de água. Os operários encarregados do preparo da pasta protegem os olhos e o nariz da ação irritante da rotenona, usando máscaras (óculos e respiradouro). A pasta é imediatamente transportada para os locais de distribuição; nos mais rasos, o timbó é distribuído por operários que, andando lentamente, dispostos em filas contínuas, agitam constantemente os sacos na água dissolvendo a pasta neles contida”. FONTENELLE, Osmar. *A erradicação da piranha nos açudes*

*do Nordeste*. Rio de Janeiro, Boletim do DNOCS, MVOP, nº 8, v. 21, maio 1960.

(XI) Alimento que se transporta para comer em viagem. N.A.

(XII) “E alguns deles se metiam em almadias – duas ou três que lá tinham –, as quais não são feitas como as que eu vi; apenas são três traves, atadas juntas. E ali se metiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quase nada da terra, só até onde podiam tomar pé.” Carta de Pedro Vaz de Caminha. In: *Duas páginas de nossa história*. Livraria Progresso Editora, Salvador, 1954, 160 p.

(XIII) Garranchos submersos, preferivelmente secos, que os pescadores arrumam em um recanto do açude de pouca profundidade (cerca de 1,30 m) e de solo consistente. Serve para coitar o peixe açoitado pelos tarrafeiros que mais tarde a cercam com redes para despescá-la. N.A.

(XIV) A embiricica usada pelos landuazeiros compõe-se de ponteiro (espeto de osso, arame ou qualquer madeira resistente, com cerca de 20 cm) e enfieira – tira de couro de bovino, medindo 6 m para os balseiros e 8 m para landuazeiros e tarrafeiros de pé no chão. Na extremidade desta prendem uma boia de mulungú (*Erythrina velutina* Willd.) ou uma cabaça de colo, também chamada cabaça de pescoço (*Cucurbita lagenaria* Linn. fam. das Cucurbitáceas). Os balseiros amarram a extremidade da embiricica na corda da poita e o ponteiro é enfiado na própria madeira da balsa. Os landuazeiros prendem o ponteiro no cinturão. N.A.

(XV) “A cabeça da corda de estopas, preparada com matérias inflamáveis, em que foi embebida”. (MORAES SILVA, A. de. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisbôa, Typ. J.Germano S.Neves, 1877. (2 v.). “Há uma árvore meã que se chama ibiriba... Esta madeira é muito boa de se fender; a qual os índios fazem em fios para fachos com que vão mariscar, e para andarem de noite; e ainda que seja verde, cortada naquela hora, pega o fogo nela como em alcatrão; e não apaga o vento os fachos nela”. (SOUZA, Gabriel Soares de, *op. cit.*). Embiriba – *Guatteria* sp., da família das Anonáceas. O nome embiriba aplica-se às seguintes plantas encontradas no Nordeste: *Casearia brasiliensis* Eichl., *Casearia dentata* Eichl., da família das Flacurtiáceas; *Lecythis Luchsnatti* Berg., da família das Lecitidáceas. A madeira de *Lecythis Luchsnatti* Berg., além de ripas, fornece combustível de primeira ordem. Dificilmente se apaga e os sertanejos dela fazem fachos para caçadas noturnas”. BRAGA, Renato. *Op. cit.*

(XVI) Refeição dos pescadores seridoenses, à moda lanche, que geralmente se compõe de farinha de mandioca, rapadura, batata doce e café. É servida às 15 horas. N.A.

(XVII) Rede larga, boias graúdas, chumbadas espaçadas e linha fina – que estendem obstruindo passagens onde o peixe vem a se enganchar. (N.A.) “A rede de poita, ou arranhol, é mais ou menos de 3 a 4 m com boias e pouca chumbada, simples, sem bolsas, mas tecida em fios duplos, em cujas malhas os peixes se embaracaram”. LEX, Fausto. *A pesca*. São Paulo, Monteiro Lobato & C.Editores, 1923.

## Seridó – Açudes públicos construídos pelo DNOCS até out. 1959

Município	Açude	Capacidade m <sup>3</sup>	Construção
Acari	Acari	285.000	1915.1917
Acari	Cruzeta	29.753.000	1920-1929
Acari	Gargalheiras	40.000.000	1912-1959*
Caicó	Itans	81.000.000	1932-1935
Caicó	Mundo Novo	3.600.000	1912-1915
Currais Novos	Currais Novos	3.815.000	1954-1954
Currais Novos	Totoró	3.941.000	1932-1933
Jardim do Seridó	Zangarelhas	7.916.000	1954-1957
Serra Negra	Serra Negra	57.000	1915-1920
Capacidade total		<b>170.367.000</b>	

\* Ultimado pelo 1º Grupo de Engenharia do Exército.

A segunda etapa está planejada para 200.000.000 m<sup>3</sup>.

Fonte: DNOCS-MVOP. Introdução ao relatório de 1959.

## Seridó – Açudes construídos em cooperação com o DNOCS até 1959

Município	Açude	Capacidade m³	Construção
Acari	Riacho das oiticicas	514.700	20.1.56
Caicó	Ignês	684.000	8.2.15
Caicó	Dominga	1.327.510	10.12.49
Caicó	Gurgel	1.991.800	2. 8.52
Caicó	Torres Araujo	730.075	22.1.53
Caicó	Pai Luiz	716.300	27.7.54
Caicó	Barbosa de Baixo II	2.179.400	14.3.58
Currais Novos	Barra Verde	624.800.	20.12.55
Currais Novos	Saco dos Veados	827.750	14.5.59
Currais Novos	Umburana	385.926	6.11.59
Florânia	Arvarol	71.550	26.12.12
Florânia	Quinquê	643.600	14.12.51
Florânia	Riacho dos bois	45.400	31.1.14
Flôrania	Umari Preto	334.760	18.10.12
Parelhas	Craubeira	624.700	23.12.49
São Fernando	Munc. S. Fernando	1.789.675	15.10.59
Serra Negra	Bom Sucesso II	958.800	19.12.45
Serra Negra	Cacimbas	3.000.000	31.12.42
Serra Negra	Entre Serras	1.767.000	21.7.54
Capacidade total		<b>19.217.746</b>	

Fonte: MVOP-DNOCS.

## Seridó – Açudes particulares existentes em dezembro de 1958 e construídos sem a participação do DNOCS

Município	Barreiro	Açudeco	Açude	Primeira construção	
				Data	Nome
Acari	10	2	0	1876	Garrotes
Caicó	100	20	5	1842	Recreio
Carnaúba	28	7	2	-	-
Cerro Corá	6	6	0	-	Divisão
Cruzeta	10	5	3	1903	Cauaçu
Currais Novos	-	-	-	-	-
Florânia	10	7	0	....	Passagem
J. Piranhas	6	6	0	1895	Cach. do Anta
J. do Seridó	80	10	1	1877	Comissão
Jucurutu	102	4	4	1843/7	Tuiuiu
Ouro Branco	100	48	0	-	-
Parelhas	14	14	0	1870	Pé de Serra
S. João do Sabugi	26	3	0	1875	Carnaubinha
São Vicente	6	4	0	1861	Enxu
Serra Negra	31	8	6	1846	Saudade
SERIDÓ *	529	144	21	1842	Recreio

Obs. Para facilitar a avaliação da capacidade das represas, adotamos na enquete realizada em dez.1958, o critério abaixo:

Barreiro – açude que, sangrando, resiste até 1 ano.

Açudeco – açude que, sangrando, resiste até 2 anos.

Açude – açude que, sangrando, resiste mais de 2 anos.

(\*) Exceto o município de Currais Novos.

# Ministério da Viação e Obras Públicas

## Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

### Serviço de Piscicultura

Açudes públicos e particulares do estado do Rio Grande do Norte peixados pelo serviço de piscicultura atualizado até dezembro de 1960

Açudes públicos	Municípios	Apaiari	Curimatá comum	Curimatá pacú	Mandi	Pescada AmC	Pescada Piauí	Piáu comum	Piáu verdadeiro	Pirarucu	Tucunará comum	Tucunári pinima	TOTAL
Cerro Corá	Currais Novos	400	-	-	-	-	-	-	-	-	400	-	800
Cruzeta	Acari	1 450	-	-	-	-	-	-	-	-	694	200	2 344
Itans	Caicó	2 460	-	215	-	-	980	-	471	552	2 319	1 453	8 450
Marechal Dutra	Acari	400	-	-	-	-	-	-	197	-	-	-	597
Mundo Novo	Caicó	465	-	680	-	120	-	-	300	-	-	-	1 565
Tororó	Currais Novos	480	-	-	350	-	-	-	400	-	-	-	1 150
Zangarelhas	Jardim Seridó	300	-	-	-	-	-	-	300	-	-	-	600
Total	-	5 875	-	895	350	120	980	-	1 668	552	3 413	1 653	15 506

### Açudes particulares

Boa Fé	Caicó	-	-	-	-	-	-	-	-	-	255	-	255
Campo Verde	Caicó	225	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	225

Fazenda Nova	Caicó	-	-	-	-	-	-	-	-	-	570	-	570
Flôres	Caicó	240	-	-	-	-	-	330	-	-	-	-	570
Goz	Caicó	-	-	-	-	-	-	-	-	-	225	-	225
Lagoa Rachada	Caicó	-	-	-	-	-	-	-	-	-	450	-	450
Lagoinha	Caicó	425	-	357	-	-	-	-	-	-	-	-	782
Muquem	Caicó	498	404	-	-	-	-	-	-	-	-	-	902
Pedreiras	Caicó	256	300	-	-	-	-	-	-	-	-	-	556
Pocinho	Jardim Piranhas	-	-	-	-	-	-	-	-	-	692	-	692
Recreio	Currais Novos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	160	-	160
Tupan	Currais Novos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	352	-	352
Triunto	Caicó	237	300	-	-	-	-	-	-	-	-	-	537
Total	-	1 881	1 004	357	-	-	-	330	-	-	2 704	-	6 276

OBS.: Nomes científicos das espécies acima citadas – Apaiari, *Astronotus ocellatus* Spix; Curimatã comum, *Prochilodus* sp; Curimatã pacu, *Prochilodus argenteus* Spix in Spix & Agassiz; Pescada Cacunda do Amazonas Pescada AmC), *Plagioscion surinamensis* (Bleeker); Pescada do Piauí, *Plagioscion squamosissimus* (Heckel); Piáu comum, *Leporinus* sp; Piáu verdadeiro, do S. Francisco, *Laporinus* sp; Pirarucu, *Arapaima gigas* (Cuvier); Tucunaré comum, *Cichla ocellaris* Bloch et Schneider; Tucunaré pinima, *Cichla temensis* Humb.; Mandi, *Pimelodus clarias* (L.).



# Referências

- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. *Efeitos da seca sobre a economia agropecuária do Nordeste – 1958*. Fortaleza, jan. 1959. 22 p. pub. nº 72.
- BRAGA, Renato. *Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*. Fortaleza, Centro de Divulgação Universitária, 1953. 524 p.
- BRASIL. DNOCS-MVOP. *Introdução ao relatório de 1959*. pub. nº 194. 1960.
- CAMINHA, Pero Vaz de. Carta de Pero Vaz de Caminha. In: *Duas páginas de nossa história*. Livraria Progresso Editora, Salvador, 1954. 160 p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Porto Alegre: Globo, 1939. 274 p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954. 660 p.
- DUQUE, J.G. *Solo e água no Polígono das Sêcas*. 3. ed. Fortaleza, DNOCS, 1953. 306 p.
- FARIA, Oswaldo Lamartine de. *A caça nos sertões do Seridó*. Rio de Janeiro. Serviço de Informação Agrícola. 1960.
- FONTENELLE, Osmar. *Contribuição para o conhecimento da biologia do pirarucu*. Fortaleza, Serviço de Piscicultura – DNOCS, pub. 166, série I-C.

GALVÃO, José Braz de. Forrageiras nativas do Seridó. *Seleções Agrícolas*. Rio de Janeiro, set. out. nov., 1960.

GLOBO. Rio de Janeiro, 27 set. 1960.

GUERRA, Felipe. *Sêcas do Nordeste*. Natal, Centro de Imprensa S/A, 1951. 33 p.

GUERRA, Felipe. *Sêcas contra a seca*. Rio de Janeiro, Tip. Liv. Cruz Coutinho.

IHERING, Rodolpho von. *A pesca no Nordeste brasileiro*. Fortaleza, Serviço de Piscicultura-DNOCS. Pub. nº 9.

LEX, Fausto. *A pesca*. São Paulo, Monteiro Lobato & C. Editores, 1923. 64 p.

MENEZES, Othoniel. Sertão de espinho e de flor. Natal, Departamento de Imprensa, 1952. 270 p.

MENEZES, Rui Simões de. *A piranha nos açudes do Nordeste*. Fortaleza, Serviço de Piscicultura-DNOCS, pub. nº 134, mimeog.

MENEZES, Rui Simões de. *O peixe dos açudes como fator bio-ecológico*. Fortaleza, Serviço de Piscicultura-DNOCS, pub. nº 106, mimeog.

MENEZES, Rui Simões de. *Importância da piscicultura na economia do Nordeste*. Fortaleza, Serviço de Piscicultura-DNOCS, pub. 115.

MENEZES, Rui Simões de. *O tucunaré nos açudes do Nordeste do Brasil*. Chácaras e Quintais, São Paulo, v. 82, p. 685, de 15 nov. 1950.

MENEZES, Rui Simões de. Lista dos nomes vulgares dos peixes de águas doces e salobras da zona seca do Nordeste e Leste do Brasil. In: Arquivos do Museu Nacional, vol. XLII:343-388 17 est. 10.7.1953. Rio de Janeiro.

MORAES SILVA, A. de. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisbôa, Typ. de Joaquim Germano de Souza Neves, 1877 (2 v.).

NASCIMENTO, Fernando Melo do. *Estudos sobre o melhoramento do algodão mocó* (Tese apresentada à ENA da Universidade Rural do Rio de Janeiro para cátedra de agricultura e genética especializadas). s.1., s.d., 1957. 50 p.

OTT, C.F. *Os elementos culturais da pescaria baiana*. Rio de Janeiro, Boletim do Museu Nacional (antropologia nº 4) 1944. 67 p.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. 3. ed. São Paulo, 1938.

STADEN, Hans. *Suas viagens e cativeiro entre os índios do Brasil*. 4. ed. ilust. (Texto ordenado por Monteiro Lobato), São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945, 184 p.

STRADELLI, E. *Vocabulário da lingua geral portuguêsa-nheengatu e nheengatu-portuguêsa*. Rev. Inst. Histórico e Geográfico Brasileiro, t. 104, v. 158. Rio de Janeiro, 1929.

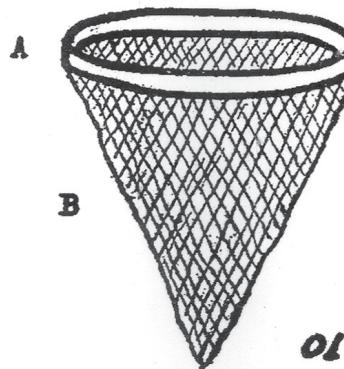


Figura 1 – Landuá. (A) Aspa de barril com mais ou menos 0,30 m de diâmetro. (B) “Pano”, de malhas com cerca de 8 mm. O “pano” tem mais ou menos 0,25 m.



Figura 2 – Agulha (0,22 x 0,03 m). As madeiras mais usadas na sua manufatura são: pereiro (*Aspidosperma pirifolium* Mart., fam. Apocináceas) e mororó (*Bauhinia forficata* Link, fam. Leguminosas).



Figura 3 – Nô cego ou nô de gato, dado na primeira carreira ou punho que se inicia com 24, 36 ou 48 malhas. O primeiro nô é dado sem o auxílio da tabuleta. (A) Cordel onde se prende a tarrafa para manufatura.

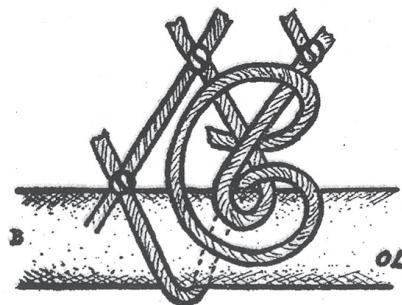


Figura 4 – Nô cego ou de gato (2<sup>a</sup> fase); a 1<sup>a</sup> fase é idêntica ao do nô de homem. (B) Tabuleta.

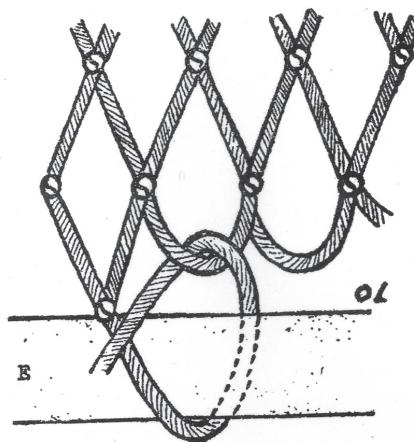


Figura 5 – Primeira fase do nó de homem que também é a primeira fase do nó cego ou de gato. (E) Tabuleta, cujo diâmetro é a metade da malha.

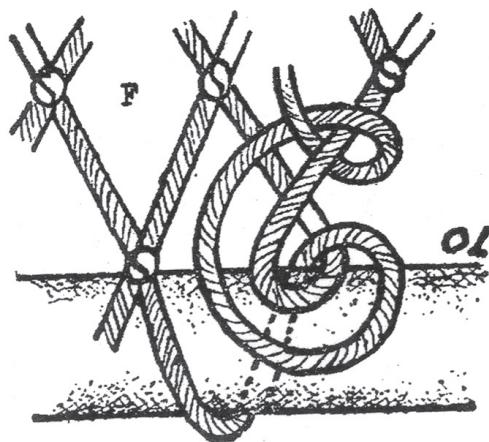


Figura 6 – Segunda fase do nó de homem. (F) Malha.

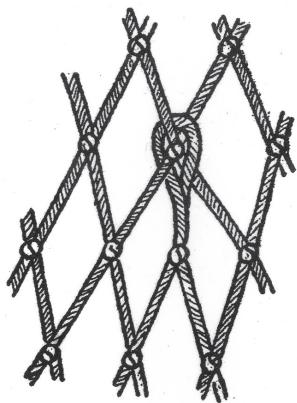


Figura 7 – Primeira fase da crescência; a segunda fase é idêntica ao punho, i. é, ao nó cego ou de gato.

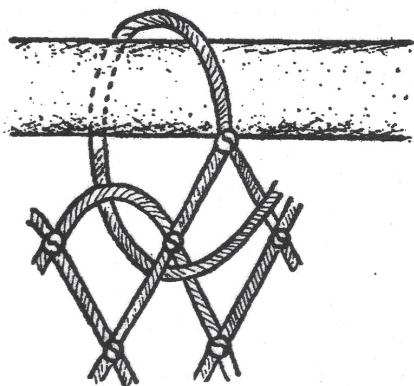


Figura 8 – Crescência como é vista na tarrafa.

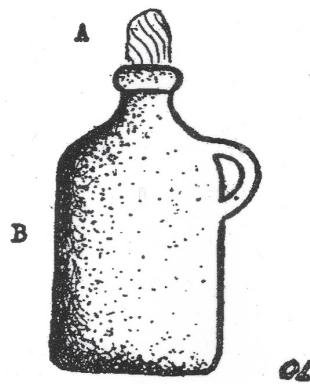


Figura 9 – Murrão. (A) Pavio de tarrafa ou estopa; (B) Botijão de barro vidrado, vidro ou flandre, onde é colocado o gás (querosene).

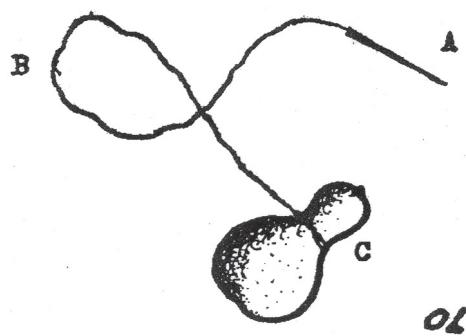


Figura 10 – Embiricica. (A) Ponteiro (0,20 m); (B) Enfiteira de couro bovino, preferivelmente a parte da perna (garra) e (C) cabaça.



Figura 11 – Tabuleta com cerca de 0,22 m de comprimento; a largura varia com o tamanho da malha.

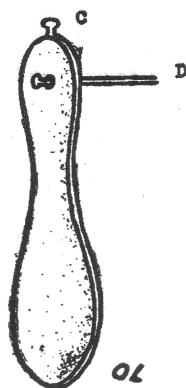
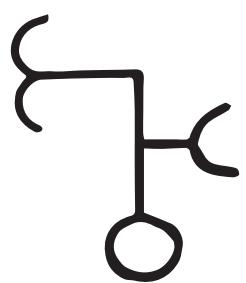


Figura 12 – Cambito (0,20 x 0,07 m) de pereiro (*Aspidosperma pirifolium* Mart., fam. Apocináceas) ou pau-darco (*Tecoma chrysotricha* Mart., fam. Bignoniáceas). (C) Espigão; (D) Eixo.



Oswaldo Lamartine de Faria

# Os açudes dos sertões do Seridó



À memória de Isadora  
(21/08/45 - 21/08/72)



Vendo d'água a terra cheia  
Eu sinto doce lembrança  
Do meu tempo de criança  
Dos meus açudes de areia<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> BARROS, José Lucas. In: WANDERLEY, Rômulo C. *Panorama da poesia norte-rio-grandense*.



# Sumário

## **I – De como era no princípio ..... 85**

1. O açude ..... 85
2. E como começou .... 86
3. Adonde foi e quem fez o açude primeiro ..... 88
4. Aonde os faziam construir ..... 93
5. E de como se fazia .... 95

## **II – E depois ..... 99**

1. Daí apareceu a Inspetoria ..... 99
2. O bê-a-bá da Inspetoria ..... 101
3. E de como aprenderam a lição ..... 102
4. Das bitolas da parede e do sangrador .... 108
5. Da cavagem do alicerce .... 109
6. Da escolha, do cavar e do carquejar a terra ..... 110
7. De alguns cantos de trabalho ..... 111
8. Dos que viviam e morriam da pedra ..... 113
9. Do alevantar da parede .... 117
10. Do tempo que se foi... 120

## **III – E da contagem de cada um ..... 121**

## **IV – Tabuada das obras consultadas .... 129**



# I – De como era no princípio

## 1. O açude

Espia-se a água se derramando líquida e horizontal pela terra adentro a se perder de vista. As represas esgueiram-se em margens contorcidas e embastadas, onde touceiras de capim de planta ou mandante de hastes arroxeadas debruçam-se na lodoso lama. O verde das vazantes emoldura o açude no cinzento dos chãos. Do silêncio dos descampados, vem o marulhar das marolas que morrem nos rasos. Curimatãs em cardumes comem e vadeiam nas águas beirinhas nas horas frias do quebrar da barra ou ao morrer do dia. Nuvens de marrecas caem dos céus. Pato verdadeiro, puthrião e paturi grasnam em coral com o coaxar dos sapos que abraçados se multiplicam em infindáveis desovas geométricas. Gritos de socó martelam espaçadamente os silêncios. O mergulhão risca em rasante voo o espelho líquido das águas. Garças em branco-noivo fazem alvura na lama. É o arremedar, naqueles mundos, do começo do mundo...

O rio, estancado em açude, continua depois, em verde sinuoso de capinzais, copas de mangueiras, leques de coqueiros ou canaviais penteados pelo vento. Milhões de metros cúbicos de água

doce, fria e cheirosa – é que a água nos desertos também cheira –, esbarrados pela muralha da parede, aninharam peixes, criam vassouras, dão de beber à criação, fazem crescer raízes, caules, folhas, flores e frutos e se esclerosam em veias pela terra adentro, esverdeando em folhas os sedentos chãos cinzentos daqueles sertões.

## 2. E como começou

Quem primeiro esbarrou a carreira das águas de algum córrego ou riacho para, prisioneiras, delas tirar o seu proveito? De quem e em que chão o bicho-homem aprendeu ou arremedou o engenho de escravizar as águas que caíam dos céus e escorriam de ladeira abaixo para a servidão do nunca mais?

Talvez, quem sabe, ao espiar uma garganta de terra por onde corria um riacho, engasgada por uma barreira deslizada, uma pedra rolada ou uma árvore em balceiro caída.

Ou, o mais fatível, a lição aprendida de um bicho menor – o castor – que apenas com as ferramentas da engenharia que Deus lhe deu derruba árvores, a poder de dentes, roendo os troncos, entope com eles as ombreiras dos pequenos vales e argamassa com barro e pedra as suas grosseiras paliçadas. As águas cativas se espraiam em aguadas onde esses miúdos engenheiros, sem réguas de cálculo, níveis nem trigonometria, represam, trabalham, se recreiam e, biblicamente, se recriam...

Regulando pouco mais ou menos o tamanho da nossa capivara, também roedor de hábitos aquáticos, o castor é um trabalhador sem canseiras, como um joão-de-barro da engenharia hidráulica. Vive em

alguns cantos da Europa, Ásia e da América do Norte. Suas barragens, embora pequenas, chegam a medir 1,50 a 1,80 de altura<sup>2</sup>.

Vestindo uma pele das mais ambiciosas pela estupidez da moda humana, as raras colônias de castores sobrevivem hoje nas áreas de reserva com que o governo os EE.UU. defende a sua fauna e flora da ganância predatória o bicho-homem.

E foi, quem sabe, arremedando o trabalho desse pequeno bicho roedor que o bicho-homem fez suas tapagens primeiras...

Um dia alguém atinou que depois da fartura das chuvas min-guavam as águas, os rebanhos fanavam as carnes e as plantações murchavam o verde e em amarelo caíam mortas as folhas.

Daí, a precisão de guardar as águas. Em algum lugar qualquer, um córrego se estreitava entre duas ombreiras. E, quando tapado, o rio se espalhou em lago, guardando as águas daquele dia para o amanhã de outros dias. Engatinhava a engenharia hidráulica das barragens. Outros espiaram e arremedaram o engenho. Amagados, famílias, tribos ou povos erguiam paredes de terra ou talhavam pedras. Isso aconteceu há bem uns oito ou dez mil anos nas terras gordas dos chãos de Mesopotâmia, entre as populações flageladas pelos caprichos do velho Nilo e na milenária China.

Os sumerianos e depois deles os babilônios e os assírios ergeram barragens, irrigaram terras, drenaram brejos e cavaram aquedutos com a sua velha e sábia engenharia de cinco mil anos.

---

2 No Estes Park (Colorado, EE. UU.) havia uma com 600 m de comprimento. Outras, menores, atingem de 60 a 70 m de extensão. (CULLEN, Allan H. *Rios Prisioneiros*).

O canal de Nahrwan, com 120 m de largura e 320 km de extensão, trazia as águas do Tigre para a cidade de Babilônia. Nínive, no reinado do assírio Senaguerib – oito séculos antes de Cristo – gastava água escorrida de um aqueduto com 50 milhas de comprimento. Hoje, o Iraque, herdeiro daqueles chãos, tenta e sonha repetir o milagre para vencer o deserto em que se virou.

Na China, o imperador Yu (2.205 anos a.C.) construiu um importante sistema de barragens que adomava a violência das cheias. E na ensolarada Arábia, 12 séculos antes de Maomé, os sabeus ergueram um dique de 15 m de altura com enormes blocos de pedra seca.

E Assuã – a represa do orgulho do povo egípcio – nada mais é que um arremedo em tamanho graúdo, do engenhoso sistema que existiu no velho Nilo de 3.400 anos a.C.

E foi assim, é de se imaginar, que diferentes povos em diferentes chãos do mundo, na sua astúcia ou arremedando a astúcia do castor, aprenderam a escravizar as águas dos seus rios para matar a sede de sua gente e de seus bichos, para irrigar suas lavouras, ou para fazê-las escoar dos brejos, ganhando mais terras e fazendo crescer suas safras.

### **3. Adonde foi e quem fez o açude primeiro**

Quando o marinheiro colonizador se embrenhou de sertão adentro, elevando os currais de aroeira como marcos de penetração, é de se imaginar que subia os caminhos das águas dos rios

naqueles mundos. É que, mesmo apartados das águas nos meses de seca, aqui ou acolá, fazem-se em poços ou permitem a cavagem de cacimbas em suas areias. E nos baixios daquelas terras, é bem fatível, há maior fartura de caça. Também arredados dos caminhos das águas a marcha se empalhava mais tarda pelas sovelas do espinho do juazeiro, jurema, sajadeira, quixabeira, rompe-gibão, macambira, xiique-xiique, cardeiro e favela se entranhando e rasgando as carnes do cristão intruso.

Alevantados os currais e situadas as fazendas, o rastro-fêmea do boi pisava os chãos enladeirados daquelas lonjuras, fazia veredas no rumo das melhores pastagens e nos caminhos das bebidas. E de ferra em ferra crescia em cabeças, pois bicho que mijia pra trás é que empurra o dono pra diante – como sentencia a sabedoria sertaneja...

Mas, apartado o inverno, os rios também se apartam em filetes d'água que morrem depois em escassos poços. De sol a sol, de poço em poço, mingua a água enlodada em verde.

E principia a luta das cacimbas com o homem cavando e depois cavoucando o chão em busca do molhado que mais se esconde nas entranhas da terra. É tempo das vacas magras, das esperanças e das desesperanças. Esgotado o recurso derradeiro, quando a derradeira cacimba minguada em água deu no barro de salão<sup>3</sup>, cortado foi o último feixe de ração e o gado em passos trumbicados se deixa ficar a mugir pelos pátios das casas ou se afolia pela caatinga e, sem forças, caído, se faz carniça viva como pasto de

---

<sup>3</sup> Barro de salão: terreno impermeável proveniente da decomposição da rocha mater.

urubus. Resta o amolar das facas para esfolar os couros, juntar os teréns, atramelar as portas e ganhar as estradas no ciganismo das procissões flageladas no rumo das pancadas do mar. Assim foi o sertão e assim é para os minguados recursos de água que não ergeram açudes.

Até que de uma feita um mais engenhoso ou mais diligente, palmeando as veredas de areia dos córregos, atentou para um apertado onde as ombreiras engasgavam o correr de um riacho. E veio a astúcia de emendar uma barreira na outra para esbarrar a carreira das águas. É que, represadas, o cativeiro das águas seria um refrigério aos gastos do bicho-homem e dos seus bichos. Mas, adonde ou quem fez o açude primeiro naqueles sertões não deixou o rastro.

Em 1706, o Pe. Manoel de Jesus Borges, sabendo de:

[...] alguns esconderijos e velhacoutos do gentio tapuya canindé de nasão janduim “requereu terras” para que mettam muitos gatos [...] e fazer assudes aonde houver capacidade. Ficão nos supés das serrase nas chans dellas de uma a outra banda que ficão nas nascencias e cabeseiras dos rios Tassima, Jacu, Pituassu e Acauon e entre o dito rio Acauon e o rio Curimataú.

Adiante alegava que “o gentio as não quer descobrir dizendo que não tem agoas, o que he falso porque tem possos nos ditos rios, alagoas e olhos dagoa nas serras e entre elles que desagoam no rio Curimataú e noutrios rios”<sup>4</sup>

---

4 GALVÃO, Hélio. *Um precursor da açudagem.*

As terras requeridas pelo padre, a julgar pelos mapas de hoje, ficavam nas imediações da Serra de São Bento, ao sul do estado. E que o rio Tacima vem lavando chãos de Araruna (PB) e, no Rio Grande do Norte, corre no rumo do Curimataú, que banha Nova Cruz. O Jacu também traz águas da Paraíba e, em nosso estado, banha Japi, São José do Campestre e Santo Antônio do Salto da Onça.

Não conseguimos localizar nos mapas consultados<sup>5</sup> os rios Pitu-açu e outro Acauã que não seja o seridoense que passa em Acari.

Teria o Reverendo alevantado naquelas ribeiras a parede do açude primeiro ou o argumento de “mettam logo muitos gados, gentes e fazer assudes” servia em parte para facilitar o deferimento das terras requeridas. Ou, quem sabe, não encontrou local “onde houver capacidade de assudes”. Ademais, é preciso não esquecer que ele próprio alega que as terras são servidas de aguadas e “possos nos ditos rios, alagoas e olhos dagoa...”

Depois da petição do Pe. Manoel Jesus Borges, perdemos o rastro da açudagem em ribeiras norte-rio-grandenses. Construído de terra carreada em arrastão de couro de boi ou apenas sepultado no papel do requerimento, a verdade é que o recurso de erguer açudes já era ideia vingada naqueles tempos. O antecipado Pe. Brito Guerra (1977-1845), Senador do Império pelo Rio Grande do Norte, dizia que o problema das secas estaria resolvido no dia em que as águas caídas das chuvas não chegassem ao mar – educando e

---

<sup>5</sup> O'GRADY, Omar. *Esboço do mapa do Estado do Rio Grande do Norte*, Esc: 1:500:000, dez./1927. IBGE- CNG. Estado do Rio Grande do Norte, Esc 1:500:000, 1957.

desasnando o sertanejo na sua luta contra as estiagens e fazendo-os compreender que “a água é o melhor de todos os adubos....”

Perdidos os vestígios de feitos antigos, cortamos rastro catando papéis velhos, perguntando daqui e dacolá, a Deus e ao mundo, até esbarrar com um dos maiores dizedores do sertão de nunca-mais. E foi ele, o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros (Caicó, 1884 – Rio de Janeiro, 1971), quem nos contou que o açude do Recreio, de primeiro, era conhecido como da Velha Merência. Isso porque sua proprietária daqueles tempos chamava-se Emerenciana. Quando da pesquisa para o estudo conservacionista *A caça nos sertões do Seridó*<sup>6</sup>, em 1959, o nosso informante no município de Caicó, Daniel Duarte Diniz, esclarecia que o mais antigo açude do município era o do Recreio, antigo Mabanga, construído em 1842 e com capacidade aproximada de um milhão e quinhentos mil metros cúbicos (1.500.00 m<sup>3</sup>).

É de se imaginar que as vantagens do açude se espalharam por aqueles mundos e devem ter acudido viventes dos quatro aceiros daquelas ribeiras para espiar, com os olhos que a terra tinha de comer, o viço da rama da batata nas vazantes, a desova da curimatã nas primeiras águas, o capim de planta, de barreira a barreira, dando nos peitos de um homem ou o sítio de fruteiras no fresco das junzantes. E de boca em boca as vantagens eram contadas e cantadas no fresco das redes dos alpendres antes da hora de assoprar os candeeiros ou nos encontros na rua para as feiras, nas missas dos domingos ou nas obrigações do júri.

---

6 Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1961.

Assim é que, em 1859, já encontramos o Presidente da Província, Antônio Marcelino de Nunes Gonçalves (1859-1858), sancionando a Lei Provincial nº 433, de 29 de março, que dispunha: “O Presidente da Província fica autorizado a mandar construir um açude na Freguezia de São Bento, para o que dispenderá até a importância de um conto e duzentos mil réis”.

Passados uns dias – 14 de abril do mesmo ano – era assinada a Lei Provincial nº 445, que: “Autoriza a Presidência a dispendar 1:000\$000 rs com a factura de um açude na Villa de Macáo”.

Talvez, quem sabe, esse afã de açudar vinha acudir reclamos das gentes daqueles cantos. Ou o Presidente Nunes Gonçalves era um entusiasta das barragens. Vale lembrar que não parecia haver naquele ano de 1859 um clima emocional maior para açudagem. É que o sertão vivia em verdes de fartura. Phelippe Guerra<sup>7</sup> registra como anos de estio naquelas eras, apenas 1844-5, embora já em 1860 a velha de chapéu grande tenha voltado a castigar os sertões.

## 4. Aonde os faziam construir

A diligênciados tempos velhos era, pouco mais ou menos, a usada pelos sertanejos nos dias modernos. Apenas os engenhos de como fazer é que melhoraram a trabalheira da construção.

Condenado a cada ano de seca a principiar tudo de novo e vendo nas terras do vizinho, do compadre ou nas de muitas léguas por onde ciganou, a vantagem de guardar as águas que escorrem

---

<sup>7</sup> GUERRA, Phelippe. *Secas do Nordeste*.

e se somem, um dia, o cidadão se destina a alevantar também o seu barreiro<sup>8</sup>. É apenas um açudeco para o refrigério da casa e da criação, um carpinteiro para o gado de curral e uma vazante de batata-doce e feijão para ajudar a escorar a panela. Dá um balanço em suas posses e principia a canseira de caçar um canto.

É um penitente a subir e descer pernas de córregos e riachos. Devagar, aqui e acolá esbarrando, botando reparo nos chãos, na qualidade da terra, na altura das ombreiras e nas riscas de castigo como a de 1924 e 1940... Atrepando-se nos caculos, fazendo contas de cabeça para a decisão do dá ou não dá – faz ou não faz –, se deixa a ficar perdido em cismas de contas, economias e sonhos...

Esbarrando com o lugar, carece descobrir os chãos dos matos para uma melhor especulação. Assim, findado o inverno e as colheitas, cuida logo em botar a broca<sup>9</sup>. O mato derrubado, encovarado e queimado deixa a descoberto os chãos, as voltas do riacho, os apertados das ombreiras, os cordões de pedra e baixios.

Aí torna a especular sobre o local e os gastos. E quando de uma vez se decide a pegar no serviço, principia as providências. Primeiro tem de marcar a altura da parede e, de acordo com ela, o nível do sangradouro. Mas isso é ciência de mestres. Quando é uma obra pequena, um barreiro com parede de poucas braças,

---

8 Ambó, barreiro, açudeco e açude: são as designações crescentes em grandeza visual.

9 Brocar: desmatar e queimar (ou retirar) a vegetação derrubada para “descobrir” o terreno. Após o corte, retiram a madeira de serventia (estacas e lenha), aceiram o terreno, acamam o mato mais fino que sobrou e, quando seco e em dia de pouco vento, botam fogo. O sobejo da queimada é encolvarado sobre os tocos, para uma queima final e definitiva.

um conhecido mais curioso que já trabalhou ou ajudou mestres afamados se inicia no engenho da marcação...

## 5. E de como se fazia

Logo que o cidadão se determinava a levantar o açude, no principiar dos meses de seca, cuidava em brocar o lugar escolhido e diligenciava os ferros de trabalho<sup>10</sup>, a ração e o caroço de algodão<sup>11</sup> para a boiada mansa.

Os trabalhadores de rede nas costas<sup>12</sup> que para ali acudiam na caça de ganho se arranchavam debaixo dos pés de pau de melhor sombra (oticica, juazeiro, umarizeiro etc.) ou faziam latadas de ramos por perto da frente de trabalho. Muitos eram moradores da fazenda e dormiam em casa, amanhecendo no serviço com o sol lá fora (6h) do dia que principiava e ali mourejavam até o chegar das sombras da noite.

No abrigo dos ranchos, eram guardados os teréns e trastes do seu viver de arribação. O caixote de roupas que fazia às vezes de mala e assento; a sela, cangalhas e arreios de viagem pendurados em ganchos; o pote d'água acomodado à moda cantareira numa forquilha de três pernas ou escorado com pedras em trempe; a ca-

---

10 Pás, picaretas, chibancas, enxadas, alavancas, marretas etc.

11 “Até 1877, cultivava-se o algodão, mas em pequena escala. Não aproveitavam o caroço, que era quase sempre queimado depois da safra”. DANTAS, Manoel. *Homens de Outrora*.

12 Trabalhador de rede nas costas: dizem do trabalhador nômade que se desloca em busca de serviço. O fato de caminharem com seus trastes enrolados na rede de dormir que conduzem a tiracolo, gerou a designação.

neca de lata para beber; as panelas de barro no milenário fogão de trempe; os sacos de mantimentos – um com farinha e rapadura, um com milho e outro com feijão; uma pedra de amolar num canto junto às ferramentas e as redes de dormir enroladas nos esteios. É que rede desarmada nas horas do dia só para doente ou tresnoitado. Daí dizerem em seu falar de poucas palavras e muita sabedoria: amansar uma rede, com o sentido de preguiça, indolência...

O trabalho principiava com o balizamento de uma ombreira a outra, atravessando o riacho, marcando a cama onde tinham de despejar, amontoar e espalhar a terra para erguer a parede. Depois, então, é que pegavam a cavar a terra, um magote deles no lugar do porão<sup>13</sup> e outro pras bandas de uma ponta de parede, onde tivesse terra de boa qualidade, i. é, barro vermelho traçado com pedra mole de massa.

Na pegada do serviço se valiam, como ainda hoje se valem, da alavanca, da picareta e da chibanca para afofar a terra primeiro e nela poderem fazer uso da enxada e da pá. Era o trabalho que reclamava maior sustância, a força de ferir as entradas do chão até se formarem barreiras e banquetas que vão crescendo à custa de muito muque e do golpear emendado horas a fio.

A terra era conduzida no arrastão – o couro de uma rês graúda atrelado e arrastado com o lado do cabelo para cima e do carnal para o chão. Uma junta de bois mansos puxava o couro ajoujado ao cambão com relhos de couro cru. Para cada junta de boi, dois

---

13 Porão: a parte escavada do lado montante do açude. É a mais profunda e quase sempre está situada nas imediações da parede.

couros; enquanto um estava sendo enchido, o outro era arrastado para o local de despejo na parede. Duas juntas, três couros, era a regra. E para cada couro, um enchedor que trabalhava com a pá nas escavações de empréstimos de terra. Quando usavam duas boiadas (ou juntas), dois enchedores alimentavam o enchimento do arrastão. É que enquanto as boiadas arrastavam o couro cheio no rumo do despejo, os enchedores diligenciavam em acocular o couro-reserva ali desatrelado no caminho de volta.

Um menino-guia puxava a boiada no mesminho vai e vem que principiava nos cavadores de terra e ia esbarrar no despejo da parede. No coice do arrastão, um tangedor com uma vara de ferrão, tangia e falava aos bois. No fim de cada viagem que terminava no lugar da parede, esvaziava o couro, revirando-o. E assim faziam, fazendo a boiada voltar por cima do rastro...

O chão se alisava pelo arrastar do vai e vem dos couros. Guias e tangedores cantarolavam aboios e falavam aos bois – falas meigas, carinhosas, prevenidas ou praguejantes... Nos pontos de cavação, o canto era o coco – tirado por um e respondido pelos outros –, cantiga que dava cadênci a ao trabalho.

Na parede, um espalhador ia desmangkanando com uma enxada os torrões e coculos de terra despejada pelo arrastão.

Trajavam apenas um cutango<sup>14</sup> e um chapéu de palha de carnaúba ou de couro. Lá, uma vez ou outra, um deles se ausentava

---

14 Cutango: calça cotó, torada pouco abaixo dos joelhos, usada pelos trabalhadores das construções.

para a precisão de matar a sede numa borracha<sup>15</sup> ou cabaça d'água ou mesmo para a necessidade de ir para o mato<sup>16</sup>.

Para as distâncias mais pequenas, de poucas braças – arremates ou carreto de pedras – de comum se valiam e ainda se valem da padiola. Dois homens de maior tutano em cada ponta alevantam, carreiam e despejam o material no prá lá e prá cá do trabalho que se espicha por todo o dia.

O sol de estio tostava e curtia a pele viva sem afago de uma nuvem. E era naquelas horas de mormaço, quando golpeavam a terra sem sombras, que faziam de cada gesto um acordar de músculos vergonteados na pele lambuzada de suor e barro, que se viravam em estatuária viva, se bolindo, bela e ignorada pelos artistas...

---

15 Borracha: saco de couro de bode de guardar água. Quando o rancho estava mais distanciado das banquetas de trabalho, a água era guardada numa borracha ou cabaça, abrigada numa sombra mais perto, de modo a não empalhar o serviço.

16 Ir ao mato: defecar. O mesmo que dar de corpo.

# II – E depois...

## 1. Daí apareceu a Inspetoria...

No governo do paraibano Epitácio Pessoa (1919-1922) ganhou alento a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS (hoje DNOCS), criada desde 1909<sup>17</sup>. Com ela vieram os botânicos, os geólogos, os agrônomos, os topógrafos, os meteorologistas e os engenheiros, internando-se de sertão adentro, estudando plantas, espremendo folhas e flores em herbários, cascavilhando, catando e cavoucando pedras, tirando retrato, medindo chuvas, furando poços, abrindo picadas, construindo estradas, mata-burros, pinguelas, pontes e açudes. Eram estrangeiros naqueles mundos. Homens de ciência e saber, dessa e da outra banda do mar<sup>18</sup>, ajudados pelo muque do sertanejo que de tanto almoçear, guiar, carregar, fazer mandos e trabalhar, botando reparo como se fazia, e aqui ou acolá se atrevendo a uma pergunta, arremedava ou aprendia alguma coisa...

E foi nessa Servidão Sagrada de ajuda e aprendizagem que o sertanejo se fez cassaco<sup>19</sup> e se desasnou nos segredos das baragens. Os mais inteligentes se viravam em topógrafos práticos

---

17 Decreto nº 7 619, de 21/out./1909.

18 Alberto Lofgren, Roderic Crandal, Horace Williams, Horatio L. Small, Léo Zehnter, Philipp Von Luetzelburg e outros.

19 Cassaco: trabalhador nômade com certa especialidade funcional que vive no ciganismo das construções públicas.

licenciados, os cavouqueiros, os cavadores de poços e os mestres de parede.

José Lourenço da Silva, raça dos Batista do Seridó, tora de homem, de fala gritante e gestos estabanados, trabalhador sem canseiras, cortou o umbigo nas ribeiras do Acari nos idos de 1901 e por lá mesmo recebeu a água sagrada e salgada do batismo.

Menino ainda (1909), ganhou os seus primeiros vinténs no vai e vem de sol a sol do tardo caminhar e amontoar do arrastão de couro de boi para o alevantamento da parede-de-lombo-de-peba<sup>20</sup> do Açude Quiporó (Fazenda Quiporó, propriedade de Joaquim Caetano, Acari, RN).

Rapaz, já taludo, caçava ganho nos meses de seca pelas construções do governo. E foi trabalhando, servindo, espiando e aprendendo, como se fazia e por que se fazia cada coisa e cada serviço, que de servente se fez mestre. E mestre dos bons. Bom carapina, melhor pedreiro e mestre maior de açudes...

Dezenas e mais dezenas de paredes se levantaram com sua engenharia rude e tosca, cujos instrumentos se resumiam em um novelo de barbante e, como dizia ele, um *nível*<sup>21</sup> de pedreiro. Era homem de muito poucas letras e muita sabedoria e habilidade no trabalho. Quando terminou de erguer e cortar os 640 m de exten-

---

20 Parede-lombo-de-peba: eram assim chamadas as primitivas paredes das barragens de terra, alongadas e achatadas, fazendo lembrar o casco do peba (*Euphractus sexcinctus*).

21 “Em Gil Vicente encontra-se *nivél*; em F. M. Pinto, *livél* [...] F. J. Freire preferia a forma com *n* (sem dizer nada da acentuação) por mais conforme no francês “niveau”, de onde julgava oriunda. Herculano usou *livél*, tendo a outra variante por deturpação.” AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*.

são que formam a parede do açude Lagoa Nova (Fazenda Lagoa Nova, Riachuelo, RN), nele se podia correr a vista ou o instrumento, de ponta a ponta, sem esbarrar num catombo ou barroca em todo aquele espichão de terra arrumada a lombo de jumento...

José Lourenço da Silva, uma das derradeiras sementes dessa nação de gente que está se finando, já setentão (1971), só se arredou do trabalho quando o sangue aguado de leucemia roubou suas últimas sustâncias. Em suas terras, sob as suas telhas, nas quebradas da Serra Branca (Riachuelo, RN), colocaram em suas mãos calosas a vela do derradeiro adeus...

## 2. O bê-a-bá da Inspetoria

E muito se fez e muito se perdeu. Nem carece se falar nas chuvas de castigo; bastava um inverno mais pesado para carregar muita parede de terra erguida com o sacrifício da poupança sertaneja. Terra, água e esperança levadas para o mar...

Em todo o sertão, ou em outros distritos onde existem açudes particulares, nota-se um grande número de paredes arrombadas. A maior parte deles são construídos por fazendeiros sem qualquer conhecimento das dimensões de uma represe, as quais, por economia, são ordinariamente por demais reduzidas. Pelo que observei no sertão, nesse ano de 1910, julgo que as perdas causadas aos pequenos fazendeiros pelos diques arrombados se elevam a mais do total despendido pela IFOCS, com a sua verba de 1.000 contos; e enquanto o povo for deixado aos seus próprios recursos será sempre assim.<sup>22</sup>

---

22 CRANDALL, Roderic. *Geographia, geologia, suprimento d'água, transportes e açudagem (nos Estados Orientais do Norte do Brasil: Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba)*.

A servidão sagrada de dezenas de anos de lição, repetida e demonstrada em tudo que fazia, fez de muitos os que se fizeram de cassacos da IFOCS mestres-apóstolos que arremedavam, com sua astúcia e pouco saber, a engenharia e o engenho dos doutores engenheiros. E cedo aprenderam e arremedavam que a segurança de um açude dependia da qualidade do material, da largura do sangradouro, do alicerce, da demasia do coroamento e das rampas das paredes.

Mas isso está nos livros ou – pouco mais ou menos – nas cacholas dos mestres de parede. É o engenho e a engenharia das barragens...

### **3. E de como aprenderam a lição**

Negócio de uns tempos para cá, coisa dos 50 anos, e por certo depois da aprendizagem da Inspetoria, é que olevantar paredes de açudes fez-se ciência de maior saber.

Daí é que principiaram a atinar para quantidade de terra da barragem. Especularam a terra ser cavada, transportada, apiloadas e cortada para o erguer do lombo da parede. E os que não confiavam nas gaguejantes contas de “pouco mais ou menos” se valiam dos mais letRADOS que rabiscavam cálculos de maior aproximação.

Conhecida a cubagem, restava saber o como se ia fazer. Tinham, de comum, dois jeitos. O primeiro e o mais usado – quando era administrado pelo próprio dono. E o outro – a empreitada da obra ou de trecho dela com terceiros.

*a) Véspera do começo* – Entrada a seca e faz de conta que o cidadão, ele mesmo, se determinou a alevantar o seu açude ou açudeco, cuidou em providenciar o cercado de solta para acomodar os jumentos; tratou de apalavrar o apontamento dos ferros com o ferreiro mais perto e espalhou a notícia no mundo. E de boca em boca na rede dos alpendres, nas bodegas das beiras de estrada, nos domingos de missa e nas feiras sertanejas, espalhou-se o acontecido...

*b) Do arrancho* – Daí principiaram a chegar os primeiros trabalhadores da maca nas costas<sup>23</sup> e os tropeiros. Tropas de 4, 8, 10 e até 15 ou 20 jumentos.

O dono da tropa com seus teréns, mulher, menino e algumas vezes um trabalhador parente ou aderente daquela família eram os mais remediados de recursos que no amanhã da açudagem foram tangidos das obras pelos donos de caminhão – isso já bem pelos fins das eras de 30 e no pegar das de 40.

Também alguns moradores<sup>24</sup> raspavam do fundo da cumbuca os derradeiros tostões, compravam uns jumentos, cangalhas e, na tosca carpintaria de restos de caixotes, eles mesmos faziam suas caçambas nas medidas de lei. Diferente dos cassacos, eram homens da enxada que aventuravam um remedeio para o tempo da entressafra.

---

23 O mesmo que trabalhador de rede nas costas. (V. nota anterior).

24 Morador: parceiro agricultor (meeiro). No Seridó, recebe casa, o terreno cercado e destocado, a semente para a planta (algodão), capinadeira, bois de tração, financiamento sem juros e direito de criar um animal de trabalho em uma rês em terra da fazenda – contra a 1/2 da safra do algodão. A cultura intercalada (lavoura branca) é de exclusiva propriedade do morador.

Aí era cada um em fazer o seu rancho, mais perto do trabalho e das precisões: do peador dos animais e da água de beber. Uns agasalhavam-se na sombra de um pé de pau mais frondoso: juazeiro, oiticica, trapiá, umarizeiro etc. Faxinas de ramos, esteiras ou encardidos panos, arremedavam paredes divisórias. Estacas-esteiros para armar as redes, ganchos-cabides para pendurar arreios e sacos de mantimentos, uma forquilha à moda cantareira para o pote, caixotes para se abancarem, teréns vários – e estava terminada a barraca ou rancho...

Quando a vegetação mais graúda rareava sombras, erguiam latadas de rama de oiticica, folhas de coqueiro, catolé, ou outras de maior duração.

E logo tratavam de aparelhar arreios e cangalhas. Pequenos consertos ou remontes, remenda daqui, costura dacolá, melhora o enchimento da outra etc., ao mesmo tempo que cuidavam em encabar alguma ferramenta que dela estavam mais carecidos.

c) *Do apronto dos ferros* – O proprietário diligenciava as ferramentas que o trabalho ia precisar: enxada, enxadão, pá, picaretas, alvião ou chibanca, alavanca pequena, barra-mina, carro de mão, padiola, marreta, marrão, picholes, pólvora, estopim etc., de acordo com a precisão da obra.

A maior ou menor fatura dos matos por perto é que apontava a escolha da madeira para encabar a ferramenta. Está bem-visto que haviam as preferidas. Qualquer enxadeiro famoso sonhava com uma vergônteia madura de quixabeira assada para acunhar a sua enxada. Outros ferros, outras madeiras escolhidas.

Nesse ínterim, outros batiam os ferros para torná-los mais vazados, i. e. delgados, finos e cortadores...: “Mas ao sair da fábrica/ Não fica concluída: / Pois, antes do seu uso, / Precisa ser batida.”<sup>25</sup>

*d) Da cunhagem das fichas* – Também as fichas tinham de ser providenciadas antes da pega do serviço. Eram os “recibos” entregues pelo ficheiro aos tropeiros por cada carga de terra transportada.

Quase sempre eram cortadas a vazador em latas de folhas de flandre. Redondas – mais miúdas ou graúdas – oitavadas ou retangulares, de acordo com o valor estabelecido para cada uma. Impressas a rebaixador costumavam ter um número valor de um lado, e no outro o desenho do ferro do proprietário (marca de ferrar o gado).

Quando da construção do açude Lagoa Nova, 1941-8\* (Fazenda Lagoa Nova, Riachuelo, RN), o ferreiro de lá, Mestre Irineu, “cunhou” para os serviços da obra, centenas delas com alumínio de sucata de avião de guerra. Apenas numa das faces tinha como efígie o ferro da fazenda; na outra, os valores convencionados: 1, 10, 50, 100 e 1.000.

Semanalmente, aos sábados ou em dias incertos, quando havia suspeita, as fichas eram recolhidas e conferidas de modo a evitar clandestinas inflações...

Também, uma vez ou outra, em vez do pagamento por cargas, usavam a cubagem da terra (em m<sup>3</sup>), nas banquetas de cavagem. As banquetas eram demarcadas para cada banqueteiro e cubadas no recebimento do serviço aos sábados. Quando o chão era de

---

25 ACCIOLY, Marcus. *Nordestinados*.

altos e baixos, costumavam, aqui-acolá, deixar um coculo de terra intacto – a testemunha –, que servia de indicador da altura média do nível do solo escavado.

*e) Das caçambas* – Do prosear com os mais velhos de como era, de como se fazia e de como ou adonde começou, disseram eles – se o juízo não me engana – haver o jumento tomado o lugar do arrastão quando principiaram as obras de Inspetoria (IFOCS depois DNOCS). A partir daí, pouco mais ou menos, é que a cangalha do jegue fez as vezes da canga do arrastão.

No princípio, usavam uma parelha de caixotes que era coculada no enchimento e esvaziada no despejo. Com o tempo, o mais astucioso imaginou ou copiou a caçamba de fundo falso, fazendo o despejo mais ligeiro e poupando muito muque e canseira. Quem foi, quando foi e adonde foi ninguém guardou na memória nem no papel para o amanhã da história.

O invento é assim. A caçamba tem a tábua do fundo (lado interno) presa em dobradiças. Na parte de cima, também pelo lado interno, a caçamba tem um par de alças que se prendem aos cabeçotes da cangalha. Ainda na tábua do fundo, do lado oposto das dobradiças, e bem no meio da tábua, fazem uma saliência onde é laçado o relho que mantém o fundo falso fechado. Na caçamba do costal oposto, uma saliência mesminha a outra serve para prender o relho que, passando por cima da carga, vai laçar, quando fechada, a tábua do fundo da outra caçamba. Daí, para fazer o despejo é só desatar o relho de um lado; incontinentes as tábuas dos fundos se escancaram, deixando “a terra cair no chão...”.

Em abril/1969, na fresca do alpendre da casa-grande da Fazenda Lagoa Nova, mestre Zé Lourenço nos desasnava dizendo sobre as regras da bitola das caçambas:

– Um caixão de medida, de gás, tem uns 30 x 60 cm. O volume carreado por cada carga depende da qualidade do material. Assim, de oitiva se sabe que, para cada m<sup>3</sup> de terra a regra é, pouco mais ou menos:

- 30 cargas de terra barreada e bem entorroadada de barro cabeça-de-gato, ou
- 16 cargas de terra comum, ou
- 12 cargas de areia tipo peneirada.

Lá, uma vez ou outra, quando o material a ser transportado era a lama-grossa, o barro cabeça-de-gato do mais graúdo ou seisxas de pedra, costumavam se valer de caçambas abertas, i. é., de fundo fixo sem o testo lateral externo.

f) *Das horas de trabalhar e de comer* – Obedecia-se a hora solar. Ainda ao quebrar da barra (5:00 h), cuidavam das obrigações do rancho: lenha para a trempe e água para o pote; o jejum era quebrado com café sem isca adoçado com rapadura ou, quando na fartura das vazantes, um café de duas mãos, i. é., com batata doce. Sol fora (6:00 h), tinia o trilho<sup>26</sup> ou zoava só o búzio – quando acudiam ao trabalho. Daí era o mourejar de cada um até as horas de sol alto (8:00 h), quando faziam um alento para o almoço: feijão com ossos, ou alguma carne, munguzá, farinha

---

<sup>26</sup> Pedaço de trilho pendurado que fazia as vezes de sino.

de mandioca e rapadura. Quando trabalhavam por produção ou tarefa, nos dias de maior mormaço, alguns preferiam o cochilo de uma ou duas horas, no pingo do meio-dia, para poupar as forças e recuperar a tarefa nas frescas das madrugadas ou nas noites de lua... Na viração da tarde (14:00 h) a janta: mesminho o almoço, podendo variar o mungunzá por arroz. Daí voltavam ao trabalho para só esbarrar na hora do sol se pôr (18:00 h), quando ceiavam uma palagana de coalhada adoçada com rapadura e café com isca de batata-doce. O afagamento desse ou daquele decomer dependia da fartura e do preço de cada um nesse ou naquele tempo<sup>27</sup>.

#### **4. Das bitolas da parede e do sangrador**

Para altura, a tabela aprendida na Inspetoria, era a da quarta parte: 1 m na vertical para cada 4 m na horizontal. Com um nível de pedreiro, espiavam visadas a partir do chão de areia do riacho que se ia balizando com estacas de 50 em 50 cm até a derradeira altura, onde terminava o coroamento.

A regra mandava que a parede tivesse cerca de uma braça (2,20 m) de sobejo acima do nível das águas do sangrador (sangradouro) – era a *demasia* chamada. Em cima, no divisor das águas, ao correr do lombo da parede, o coroamento que se regulava em derredor de 1,50 m de largura; nos açudes maiores, por volta de uma braça (2,20 m).

---

<sup>27</sup> Informações de um cassaco daqueles tempos ao engenheiro Vauban Bezerra, em Natal, abr./72.

Sempre que a topografia do terreno ajudava, o sangrador era feito mais arredado da parede. Assim evitavam que numa cheia grande o remanso da água viesse comer a terra da ponta da parede, botando em perigo a obra.

No mais das vezes, o nível do sangrador, em todo o seu correr, é feito em cordão-de-pedra argamassado de cal ou cimento<sup>28</sup>. E quando ele é cortado e nivelado numa ponta de parede, também a ombreira dela e o caminho das águas de sangria, até a jusante do riacho, são em pedra-seca argamassada.

A largura do sangrador era e é calculada de acordo com a capacidade do riacho e sempre com bastante sobejo. Daí a sentença tantas vezes gaguejada por aqueles sertões:

– Quem segura açude é alicerce, material e sangrador...

## 5. Da cavagem do alicerce

O alicerce foi lição trazida pelos doutores da Inspetoria (DNOCS). No sertão velho, nos açudes erguidos com arrastão de couro de boi, o uso era apenas raspar o espelho da terra onde ia se acamar a parede. Daí a maior revêncie e a pouca duração da água de quase todos eles...

A largura do alicerce – ou fundação, como chamam os entendidos – regulava, está bem-visto, com o comprimento da parede, a

---

<sup>28</sup> “O primeiro veículo a motor aparecido em Currais Novos, de meu conhecimento, foi um Bingh-four, em 1914, de passagem para o Acari, levando cimento inglês em barricas, para o açude Gargalheiras....” OTHON FILHO, Antônio. *Meio século da roça à cidade*.

qualidade da terra e o volume d'água a ser represado. De comum, tem pouco menos de uma braça, i. é, 1,50 a 2,00 m.

A cavagem principiava depois de cordeamento que riscava no chão à trincheira a ser aberta. Daí era cavar em toda a fundura, retirando a terra, os seixos, as raízes, a areia – até esbarrar nos duros (terreno impermeável).

E tinha de se botar reparo em qualquer brecha de pedra, quer fosse fixe ou fofa, de modo a não deixar caminho para água se infiltrar. Assim, cada pedra foveira era retirada a muque de alavanca e mesmo as brechas das rochas mais firmes, entupidas com argamassa de cimento.

Terminada a cavagem do alicerce, a diligência era tratar de entupi-lo, por camadas, com barro de louça bem esfarinhado e apilado até chegar ao nível do chão.

## 6. Da escolha, do cavar e do carquejar a terra

A terra de maior fiança que, depois de bem esfarinhada e apilada, mangava dos tempos e das águas era o barro-vermelho traçado com pedra-mole de massa. Na falta dela ou de sua maior lonjura, também outras costumavam ser usadas. Bastava que, quando umedecidas e espremidas na mão, formassem bolo. Perdido para qualquer serventia era o barro de piçarra e a areia – ensinava o Zé Lourenço...

Comumente, a cavagem principiava em terras de montante, vizinhanças da saia da parede ou ribanceiras do riacho. Essa esco-

lha de lugar, comum em quase todos os açudes, se explica porque, à medida que vai crescendo a escavação, vai consequentemente aumentando a capacidade de armazenagem da água. Assim, depois do açude feito, fica sendo o canto de maior fundura – daí ser chamado de *porão*.

Nas banquetas de cavagem, o trabalho variava com a qualidade do chão. Cada grupo cuidava em formar barrancas para desmoronar maior quantidade de terra. Assim, quando esbarravam com um terreno muito duro, tinha que ser aluído e afofado à força de alavanca, escavado a golpes de chibanca, para depois, com a pá, palear a terra para as cargas de caçambas.

O trabalho mais pesado e penoso era o de alavanca. Carecia o homem ter tutano para aguentar o erguer, o ferir a terra e aluir barrancas ao peso de uma barra-mina. Quando a escavação tinha maior fundura, tinha vez que os paleadores faziam foguetão, sacudindo a terra a grande altura. A pá cambalhotava no ar e tornava às mãos do cassaco, enquanto o bolo de terra subia destacado e ia cair no alto da barranca. Fazia gosto espiá-los nesse malabarismo...

## 7. De alguns cantos de trabalho

Na construção do Itans (Caicó, 1932-1936), os cassacos da terra costumavam tabelar o trabalho ao som do coco *Tamanqueiro*, que era puxado por um e o refrão – *quer’um pá* – respondido pelos demais:

Ôi tamanqueiro  
Eu quer'um pá  
Quer'um pá  
Eu quer'um pá  
De tamanca prá dançá...

Tamanqueiro eu num digo tu quem sois (Quer'um pá)  
Quem é para num fazê vergonha ao povo. (Quer'um pá)  
Teu suó só me fede a urubu-novo. (Quer'um pá)  
Tua barba raspada, dá veneno. (Quer'um pá)  
E me parece qui'aqui dentro do salão (Quer'um pá)  
Uma ticaca assanhada fede menos... (Quer'um pá)

Os versos se sucediam. Alguns improvisados, outros repetidos do afamado desafio do Raimundo Pelado com João Martins de Athayde – da antologia popular oral do Nordeste.

Mais das vezes era circunstancial. Uma caçoada entre eles, uma novidade, uma história, um sucedido... De 1939 para 40, pegamos na construção de um açude (Fazenda Lagoa Nova, Riachuelo, RN). Era um ano de seca e tinha uns trabalhadores de fora, gente de rede nas costas. No meio deles, um banqueteiro, quarentão casado com uma caboclinha nova. E vai daí, a mulherzinha engracou-se de outro, anoiteceu e não amanhaceu... A notícia ganhou a boca dos trabalhadores. E o “viúvo” trabalhava calado e sisudo na humilhação de seu abandono, enquanto o vizinho caçoava, cantando:

Óia seu Zé  
Qui casá dá prejuízo,  
O homem perde o juízo  
Cum ciúme da muié.

Óia seu Zé,  
Seu Zé, seu Zé  
Cum'anda tão cacundo  
C'um chifre maió do mundo  
Quem butô foi a muié.

Muié gaieira  
Qui bota gáio no home,  
Merece morrê de fome  
Prá sabê gáio o que é...

E nem carece dizer que a peixeira cortou as rimas, a poesia e as carnes...

## 8. Dos que viviam e morriam da pedra

Mais das vezes, quando uma pedra mais graúda ou ponta de serrote<sup>29</sup> atravancava o seguimento da parede ou podia perigar a segurança da obra, tratavam de retirá-la. O cavouqueiro espiava e estudava, palmo a palmo, a grã e a veia da pedra. Conhecia as que podiam ser quebradas de marreta (gnaiss) e onde golpear cada uma. Sendo pedra mais graúda ou de grã mais dura (granito) que

---

<sup>29</sup> Elevação pedregosa ou pedra de grande dimensão.

nem a cerosa bucho-de-sapo, a diligência era a de brocar para nela dar um fogo.

E era serviço que sempre corria perigo. Os que ganhavam a vida na pedra se mutilavam ou perdiam a vida com a pedra – mote que serviu de carretilha ao poeta: “A vida corta a pedra / Mas ao cortar se corta / Na pedra quase morta”<sup>30</sup>

O furo principiava com um cavouqueiro sustentando com as mãos limpas um aço de broca para dois marreteiros malharem. A cada pancada, o cavouqueiro girava a broca que, golpe a golpe, mergulhava nas entranhas da pedra. O giro depois de cada tinido de pancada servia para não deixar que o aço ficasse chumbado na pedra. Uma rodilha de pano em volta do furo protegia os trabalhadores dos besouros.<sup>31</sup>

As marretas desciam no assobio-aviso de cadênciia que morria tinindo na cabeça da broca, mas o marreteiro profissional não arredava a vista delas. E justificava:

– Se o freguês espiá de banda, erra a pontaria...

Cassacos-marreteiros faziam malabarismos com a marreta que fugia pelo sovaco e era alcançada por riba do ombro, na pancada do lupe (“loop”). A cadênciia dos golpes era mais das vezes marcada pelo canto. Na seca de 1932, na construção do Açude Itans (Caicó, RN), o *Coco do malhador* cadenciava os trabalhos da pedra:

---

30 ACCIOLY, Marcus. *Op. cit.*

31 Fragmento de pedra que se estilhaça zunindo aos golpes de marreta.

Ô seu máia, seu máia  
Ô máia, maiadô, vamo maiá,  
seu maiá.

Vamo maiá, segundo a marcha do tempo:  
é roda pé, cama-de-vento,  
é ferro-novo de engomá...

De vez em quando, esbarravam para descansar a vista e aproveitavam para esgotar o furo do pó da pedra que ia se juntando. Aí metiam nele uma varinha embebida nágua e o pó que nela se grudava era tirado pra fora.

Assim, no aluir, no quebrar, rolar ou acamar grandes blocos de pedra no tinido da marreta ou no muque da alavanca barra-mina, o esforço se fazia na cadêncio do coco. É que diziam:

– A pedra fica mais maneira...

Terminado o furo ou os furos precisos para cada fogo, aí principiavam a socar a pólvora com um soquete de madeira e depois “espoletar” com pavio ou estopim e comprimir com barro de liga. Era a hora mais séria e perigosa, pois bastava um instante de des-cuido para dali se fazer uma arte... Muitas das pedras que levaram fogo naqueles *saartões da terra* guardam em suas entranhas e nos seus silêncios de eternidade os epitáfios não escritos e enodoados com suor e sangue de um cavouqueiro anônimo que ali se finou<sup>32</sup>.

---

32 Em abril/1969, um cavouqueiro ganhava Cr\$ 5,00/dia, quando o salário-mínimo mensal em Natal, RN, era de Cr\$ 79,20.

Correndo algum risco por perto, cobriam o fogo com couro e esteiras velhas, de modo a abafar a força da explosão e os “coriscos” arrebolados pelo papouco do tiro.

De boca em boca, era avisada a hora do fogo – de comum nos intervalos de trabalho. E no momento de acender o pavio, o grito ecoava de todos e por todos os cantos: Fooooooooooooo! Fooooooooooooo!!!

A dinamite, mais dificultosa, era uso de poucos e apenas usada nas obras maiores ou quando a pedra resistia à força da pólvora.

Parece que o ensino primeiro de talhar a pedra para o alevantar das obras de maior vulto, foi servidão e escola do mestre Estevão. Espanhol, meão de altura, torado no grosso, ele chegou com a Inspetoria para a construção do Açude Gargalheiras, no Acary, aí pelas eras de 12 ou 14, e quem sabe (?) entretido pela fartura de pedras nos sertões do Seridó – por lá mesmo deixou-se ficar.<sup>33</sup>

Por volta do fim do século ou nas primeiras eras deste, veio para o Acary, dos lados do Caicó, o mestre Manoel Alexandre – feitor de cerca de pedra. Situou-se no Sítio do Arroz e de lá principiou empreitadas nessa ou naquela fazenda, ofício que sustentou enquanto lhe duraram sustâncias. Depois, seus dois filhos, Manoel e Bernardino, continuaram no ofício e escola de trabalho onde muito ajudante depois se fez mestre.<sup>34</sup>

---

33 Inf. de Jayme Santa Rosa, em 06/ago./72.

34 Idem.

## 9. Do alevantar da parede

Cordeada a largura da parede na quarta-parté, i. é, para cada 1 m na vertical, 4 m na horizontal (considerando ainda o coroamento final que costuma ter pouco mais de uma braça, de acordo com a importância da obra), raspavam o espelho da terra de capins, raízes, terra vegetal etc., para principiar o despejo.

Tropas de jumento convergiam tangidas para os lugares de despejo. As mais de perto vinham da cavagem do porão ou de um alto de ponta de parede. Outras, de cantos mais distantes, carguejavam às vezes terra de melhor qualidade para garantia da obra.

O mestre ia mostrando os locais de despejo. E cada carga despejada era destorroada e espalhada à enxada, em camadas de 0,25 m, pelos espalhadores. Um bom espalhador costurava dar conta da terra carguejada por 20 a 25 jumentos<sup>35</sup>. Assim era a regra. O apilamento era feito mesmo pelo vai e vem dos cascos dos jumentos.

Cada tangedor, despejadas as caçambas de sua tropa, recebia do ficheiro as fichas correspondentes ao número de cargas daque-la viagem. Aqui-acolá uma advertência:

– Diga aos seus enchedô que cuide de coculá mais essas carga...

As tropas de jumento disciplinadas no vai e vem do carguejar, seguiam de cargas coculadas em passo tardo para o despejo e voltavam escoteiras e até em chouto no alívio do peso para os

---

<sup>35</sup> Em abril/1969, um espalhador ganhava Cr\$ 3,00/dia e um banqueteiro (espalhador que corta as saias das rampas), Cr\$ 5,00/dia. Inf. do mestre Zé Lourenço. A diária do salário-mínimo, para o estado, era de Cr\$ 3,28.

lugares de cavagem. Os tangedores – meninos de 10 para 14 anos – tangiam com um chiqueirador, falando a cada animal<sup>36</sup>:

– Êêê Rouxinho! Fasta pra lá Paturi! ‘sbarra-aí Canário!...

Às vezes, na volta do despejo, num pinote ganhavam a garupa do jumento do coice e vinham sentados de banda, uma das mãos agarradas ao cabeçote da cangalha, chiqueirador ao ombro e desenfadando daquela canseira.

Espiados assim do alto mais pareciam um formigueiro assanhado naquele afã de cavar, carregar e carguejar terra em suas trilhas que iam esbarrar no estirão da parede...

E depois de cada camada de terra (0,25 m), o mestre tornava a cordear e piquetar a nova forra, cada vez mais estreita e mais alta, consoante a rampa da parede. As camadas ou forras se sucediam, uma sobre a outra, apiloadas a casco de jumento e daixando, entre uma e outra, nas rampas da montante e da jusante, os naturais batentes do recuo reclamado pelo declive. Assim, depois de terminada a parede e vista em corte transversal, formava a figura que os livros chamam de trapézio (com as rampas em degraus).

Não esquecer que a construção de um açude era sempre principiada nos primeiros meses de seca depois que o riacho da represa apartava as águas. Mesmo assim, quando era uma obra de mais vulto, se receava uma pegada de inverno mais cedo ou, se o riacho vinha de muito longe e era desses malcriados, nunca to-

---

36 Quando da construção do Açude Lagoa Nova (1947-8), Fazenda Lagoa Nova, Riachuelo, RN, havia uma mulher, Luzia de tal, das bandas do sertão, dona de uma tropa de jumentos e que muitas vezes se revezava com um dos meninos no tanger dos burros.

mavam a passagem dele. Era serviço que ficava para o fim, já nos arremates derradeiros da obra.

Aí também a terra era sobreposta em camadas de 0,25 m, bem apilada, e amarrada nas ombreiras das paredes que tinham sido levantadas de um lado e do outro. A amarração era feita em cada camada, denteando uma na outra. Nesse tempo também o sangradouro já estava terminado e capaz de despachar qualquer cheia que viesse sem se esperar...

O arremate derradeiro era o *cortar a parede* e o acabamento do coroamento. As rampas eram cordeadas e, pela bitola dos barbantes esticados em piquetes de cima para baixo, o espalhador banqueteiro, vigiado pelo mestre, cortava a parede, alisando os degraus deixados pela superposição das camadas de terra em cada uma das faces (montante e jusante). O sobejo da terra que escorria do corte e se espalhava no pé da parede de um lado e do outro – eles chamavam de *saia da parede*.

O *coroamento* era a camada de terra derradeira, levemente abaulada que nem estrada de rodagem, para não deixar as águas das chuvas nela se empoçarem.

Dada por terminada a obra, retocada aqui e acolá, o proprietário mandava matar umas criações ou uma rês gorda – consoante o número de trabalhadores – para a panelada e a carne fresca do festejo da festa daquele açude...

Mas ainda ficava faltando um sobejo de serviço para depois. Era a *surrea de cacete*. Para isso, tinham de esperar a primeira chu-

va, quando o espelho da terra ficasse enchombrado<sup>37</sup>. Então eram cortados uns cacetes compridos – coisa de uma braça (2,20), e com eles os trabalhadores golpeavam, palmo a palmo, as rampas da parede. Era a maneira de encascorar o espelho da terra para evitar os estragos da erosão quando dos invernos mais pesados...

## 10. Do tempo que se foi...

Das eras de 30 pra cá, principiaram a trocar as caçambas das tropas de jumento pelo lastro mais taludo dos caminhões. E catigando a caatinga de gasolina e diesel, rodam agora as rodas dos tratores de pneu, dos tratores de lâminas, dos scrapers, dos rolos compressores pé de carneiro e toda a intrincada engrenagem das máquinas com a zoeira dos motores.

Mas isso está nos relatórios oficiais, nos livros técnicos e ainda é imagem dos olhos de todo o mundo que sobrou...

---

<sup>37</sup> Enchombrar: umedecer, molhar levemente sem encharcar.

# III. E da contagem de cada um

Cuidamos, quando principiamos a rabiscar estas notas em, no arremate da obra, poder contar um por um o número de açudes de cada município seridoense.

Mas, por todos esses anos de perguntação e pedido não conseguimos obter nem convencer os técnicos da importância da açudagem particular. Sabemos o que ela representa para a economia sertaneja. E, por ouvir dizer, que o Seridó é a zona mais açudada do mundo, tendo o município do Caicó mais de mil barragens represando águas!

Parece que a economia reinante só empresta valor significativo aos grandes açudes – públicos ou construídos em cooperação. Mas para estes não carece titubear – O DNOCS sabe cada um onde fica, quando foi construído e a cubagem da água nele represada.

Ou talvez, quem sabe, tudo isso não passa de visões tronchas pela quentura do sol daqueles mundos (?). Mas, se assim é, por que as estatísticas contam as galinhas do terreiro, os cortiços de abelhas, os silos e tudo o mais que farta ou mingua à despesa sertaneja?

E para quem tiver a humildade de catar os escritos dos sertões velhos, encontrará, ainda em 1909, o registro: “Aqui no Seri-

dó, já tem havido quem se tenha proposto a construir à sua custa, açude de outrem, tendo como remuneração o peixe que pescar no mesmo açude, em 10 anos consecutivos”.<sup>38</sup>

Papel cabe tudo – dizem lá nos sertões. E dos tempos velhos para cá, muitas resmas foram gastas em diagnósticos e meizinhas para a economia sertaneja. Mas, se o juízo não engana, parece que a contabilidade da pequena, média e grande açudagem ainda está por fazer. As poucas notas do nosso acanhado saber foram desenterradas dos livros antigos e lamentavelmente esgotados e esquecidos.

Em 1909 – quem diz é Phelippe Guerra –, só no município de Caicó existem, entre grandes e pequenos, 210 açudes. E apenas para virar a ponta do prego, vale transcrever as contas culturais do açude da fazenda Oliveiras do Cel. Porfírio Fernandes Pimenta:

[...] construído em 1883, representa um pequeno capital de 3:000\$000 – dois para a construção e um para reparos posteriores. A parede mede 98 braças de comprimento sobre 20 de largura e 46 palmos em sua maior altura [...] e sobe pelo riacho cerca de 1.500 braças.

Em 1898, o peixe produziu uma renda bruta de 3:684\$000; e a renda das vazantes foi de 600\$000, não incluindo o consumo da grande família do proprietário.

Foram mantidos e tratados com os recursos e resíduos das vazantes, 400 animais (vacum, cavalar, muar); e durante a seca tiraram recursos e meios de subsistência 30 famílias, com cerca de 250 pessoas.

---

38 GUERRA, Phelippe & Theophilo. *Seccas contra a secca*.

Na seca de 1900, o produto das vazantes foi de 2:000\$000, a renda líquida do peixe 5:750\$000 [...] e forneceu trato para 160 animais.

Registra ainda o desembargador Phelippe Guerra rendimentos de outros açudes, como o da Fazenda Dominga (Caicó – propriedade do Cel. Gorgonio Nóbrega) e das Oiticicas (José Calançio Dantas) – com valores maiores e mais graúdos. Mas repetir cada um deles é dizer de cocada de coco de coqueiro...

E ainda é daqueles tempos em que os técnicos não eram turistas das secas nos sertões, mas neles viviam ou deixavam rastros. Nas selas, no solão das canseiras, nas secas, nos invernos, nos pousos das oiticicas, nas comidas de alforjes, nas águas de borrachas e na sabedoria das universidades das redes dos alpendres. Um agrônomo daqueles mundos, J. Garibaldi Dantas, apresentou uma memória, lida e aprovada em 13 de setembro de 1920, ao VI Congresso Brasileiro de Geografia (Belo Horizonte, MG), onde explicava:

Em 1915, a zona seridoense contava 710 açudes, assim distribuídos:

Município de Currais Novos, 52 açudes, fertilizando 500.000 braças.

Município de Acary, 82 açudes, fertilizando 784.000 braças.

Município de Jardim, 106 açudes, fertilizando 1.000.000 braças.

Município de Caicó, 400 açudes, fertilizando 400.000 braças.

Município de Serra Negra, 35 açudes, fertilizando 400.000 braças.

Município de Caicó, 400 açudes, fertilizando 4.000.000 braças.

Total, 710 açudes, fertilizando 7.084.000 braças quadradas.

Destes açudes, mais de dous terços não resistem as secas prolongadas, e grande parte deles são mal construídos, perdendo-se muito durante os invernos mais rigorosos. Só ultimamente, com as lições tomadas, é que o sertanejo vai demonstrando mais capricho e cuidado na construção de seus açudes.

É incontestável que se deve aumentar mais a capacidade dos açudes, permitindo que elas possam passar um anno ou mais de secca completa.

O município de Jardim, por exemplo, tem 106 açudes, dos quais só 17 podem resistir a mais de um anno de secca; há 25 que podem supportar um anno, e o resto apenas poucos meses de estiagem.

O custo dos primeiros orçou em 90.000\$ mais ou menos; estes açudes rendem em vasantes 50 contos, mais de 50% do capital empregado.

O município de Serra Negra tinha, em 1915, 35 açudes pequenos; nenhum destes reservatórios podia resistir a mais de um anno de secca; os seis maiores custaram 25.000\$, os proprietários tiraram delles 19 contos, só em peixe.

Esta quantia não representa o valor real do peixe no açude, em virtude do processo de pescaria mais em uso: “a meiação”, mas apenas a metade e muitas vezes menos.

Dos 29 açudes restantes, de capacidade para resistir a menos de uma secca o custo foi de 48 contos e o rendimento em peixe de 18 contos; o peixe aumenta na razão directa do tamanho do açude; um açude pequeno, secando em pouco tempo, não pode criar como um açude grande.

E, em 1954, adiciona José Augusto: “Hoje estão acrescidos de algumas centenas a mais”<sup>39</sup>

---

39 AUGUSTO, José. *Seridó*.

Também o engenheiro Saturnino de Brito<sup>40</sup> andou pelos sertões do Nordeste fazendo rastros, viu, se convenceu e escreveu: “[...] as gotas d’água cahidas devem ser preciosamente recolhidas, e que, portanto, devemos multiplicar os açudes, por menores que sejam as bacias e por mais próximas que estejam”.

E para encurtar conversa e papel que fique, por derradeiro, na lembrança de cada um:

1º – Nos açudes maiores, capazes de guardar água de dois invernos para mais, a média de pescado/hectare/ano anda pela casa dos 150 kg. “Cerca de 100.000 toneladas de peixe são apanhadas nos açudes dos municípios, inclusive no açude público, Cruzeta.”<sup>41</sup>

2º – O valor da água para a serventia dos bichos e do bicho-homem. “Quanto mais longe vai beber o boi, mais magro volta aos pastos” – é sabedoria de qualquer vaqueiro sertanejo.

3º – E também dos recursos das vazantes: batata-doce, feijão, jerimum, melancia, forrageiras etc., cultivadas na montante, além das culturas de jusantes: cana-de-açúcar, coqueiros, mangueiras, e toda uma mescla de fruticultura tropical.

4º – Que a contagem de cada um, ambó, barreiro, açudeco ou açude, vai ser dificultosa de ser calculada em metros cúbicos. É que o sertanejo a mais das vezes ignora essa cubagem. Sabe sim, de cor e salteado, que esse ou aquele açude sangrando, leva tantos meses para secar...

---

40 RODRIGUES DE BRITO, F. Saturnino. *As sêccas do Norte*.

41 GOES, Terezinha de Jesus M. *Noções de Geografia e História do Município de Cruzeta, RN*.

## Açudes públicos construídos pelo DNOCS na região do Seridó-RN até dez./1972

Nome do Açude	Município	Capacidade (m <sup>3</sup> )	Ano da Const.
Serra Negra	Serra Negra	57.000	1915/1920
Zangarelhas	J. do Seridó	7.916.000	1954/1957
Itans	Caicó	81.000.000	1932/1933
Mundo Novo	Caicó	3.600.000	1912/1915
*Gargalheiras	Acari	40.000.000	1912/1959
Acari	Acari	285.000	1915/1917
Cruzeta	Acari	29.760.000	1920/1929
Totoró	C. Novos	3.941.000	1932/1933
Currais Novos	C. Novos	3.815.000	1954
Sabugi	S. João Cabugi	65.334.000	1965

\*Oficialmente denominado “Marechal Dutra”.

Fonte: DNOCS, of 01/DOS, 04/jan./73.

## Açudes construídos em cooperação com o DNOCS na região do Seridó-RN até dez./1972

<b>Nome do açude</b>	<b>Município</b>	<b>Propriedade</b>	<b>Capacidade (m<sup>3</sup>)</b>	<b>Ano de const.</b>
Rch. das Oiticicas	Acari	Prefeitura	514.700	20.01.56
Inês	Caicó	Joel A. Araújo	421.604	08.02.15
Dominga	Caicó	Homero Nóbrega	8.807.875	10.12.49
Gurgel	Caicó	Edmundo Gurgel	1.991.800	02.08.52
Torres Araujo	Caicó	J. Torres Araújo	730.075	22.01.53
Pai Luiz	Caicó	J. Josias Fernandes	716.300	27.07.54
Barbosa de Baixo	Caicó	Fco. Medeiros	2.179.400	14.05.58
Barra Verde	C.Novos	Tomás de Melo	624.760	20.12.55
Saco dos Veados	C.Novos	Tomás Galvão	827.750	14.05.59
Imburana	C.Novos	Prefeitura	385.026	06.11.50
Umari Preto	Florânia	Laurentino Cruz	334.760	18.10.12
Arvorou	Florânia	Laurentino Cruz	71.550	26.12.12
Rch. dos Bois	Florânia	Joaquim Medeiros	45.400	31.01.14

Quinqué	Florania	J. Bezerra Araujo	643.600	14.12.51
Craubeira	Parelhas	João P. da Silva	624.700	23.12.49
Cacimbas	S.Negra	Eduardo G. Araujo	3.000.000	31.12.42
Bom Sucesso II	S. Negra	Arthevio Cunha	958.000	19.12.45
Entre Serras	S. Negra	Arthevio Cunha	1.756.000	21.07.54

Fonte: DNOCS, of. 01/DOS, 04/jan./73.

# Tabuada das obras consultadas

ACCIOLY, Marcus. *Nordestinados*. Recife: UFPE, 1971.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembí, 1955.

AUGUSTO, José. *Seridó*. Rio de Janeiro: Borsoi Editor, 1954.

BRASIL, IBGE/CNG. *Mapa do estado do Rio Grande do Norte*, 1957.

CRANDALL, Roderic. *Geografia, geologia, suprimento d'água transportes e açudagem nos Estados Orientais do Norte do Brasil: Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1923.

CULLEN, Allan H. *Rios Prisioneiros*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1964.

DANTAS, J. Garibaldi. *Geographia econômica do Rio Grande do Norte Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, v. XX, XXI e XXII, 1923-5, Natal, 1925.

DANTAS, Manoel. *Homens de outrora*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *A caça nos sertões do Seridó*. Rio de Janeiro: MA/SIA, 1961.

GALVÃO, Hélio. Um precursor da açudagem. *Diário de Natal*, Natal, 14/maio/1950.

GOES, Terezinha de Jesus M. *Noções de geografia e história do município de Cruzeta*, RN. Recife: Editora de Pernambuco, 1971.

GUERRA, Phelippe. Sêcas do Nordeste. Natal, Centro de Imprensa, 1951. \_\_\_\_\_. & Theophilo. *Seccas contra a secca*. Rio de Janeiro: Typ. Liv. Cruz Coutinho, 1909.

O'GRADY, Omar. *Esboço do mapa do Rio Grande do Norte*, esc. 1:500.000, dez./1927.

OTHON FILHO, Antônio. *Meio século da roça à cidade*. Recife: Editora de Pernambuco, 1970.

RODRIGUES DE BRITO, F. Saturmino. *As sêccas do Norte*. Recife: Imprensa Industrial, 1913.

WANDERLEY, Rômulo C. *Panorama da poesia norte-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Ed. Do Val, 1965.

# Oswaldo Lamartine por ele mesmo

OSWALDO LAMARTINE DE FARIA é sobejo da seca de 1919. Caçula de uma ninhada de dez, teve o umbigo cortado na cidade do Natal do Rio Grande, em 15 de novembro daquele ano. Filho de Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956) e Silvina Bezerra de Faria (1880-1951) – descendentes dos povoadores do Seridó. Desasnado na escola da Profa. Belém Câmara (1927); primário no Colégio Pedro II (Natal, 1928-30) do Prof. Severino Bezerra e preparatórios no Ginásio do Recife (1931-3) e Instituto La Fayette (Rio, 1933-6). Técnico agrícola pela Escola Superior da Agricultura de Lavras- MG (1938-40). Administrhou a Fazenda Lagoa Nova, Riachuelo-RN (1941-48). Casou-se com Cassilda Aranha Soares (1944), que lhe deu Isadora (1945-1972) e Cassiano (1948), agrônomo da UFRN. Lecionou na Escola Doméstica de Natal e Escola Técnica de Jundiaí/RN. Pracinha daquém mar nº 1918 da III Cia. de Metralhadoras/16º RI, durante a 2ª Guerra Mundial. Em 1950, “tomou um Ita no Norte” e foi encarregado da Fa. Oratório, Macaé/RJ. Administrador da Colônia Agrícola do Maranhão (Barra do Corda, 1951-2) e Núcleo Colonial do Pium/RN (1952-4). Em 1955, ingressou no Banco do Nordeste do Brasil onde esteve depositado até se aposentar (set./1979). [...] Teve uma segunda

união com Maria de Lourdes Leão Veloso da Rocha (1961). Repartia o seu entardecer catando livros raros nos sebos do Rio de Janeiro e plantando árvores num “lenço de chão” que apelidou de Acauã (Ipatira-RJ) para o amanhã alheio, ocupação que agora está transferindo para os sertões de sua terra.

# Oswaldo Lamartine: livros publicados\*

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Notas sobre a pescaria de açudes no Seridó*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1950.

\_\_\_\_\_. *A.B.C. da pescaria de açudes no Seridó*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961.

\_\_\_\_\_. *A caça nos sertões do Seridó*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1961. 75 p. (Documento da vida rural, n. 16).

\_\_\_\_\_. *Conservação de alimentos nos sertões do Seridó*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1965.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 1966.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto; Fundação Vingt-um Rosado, 1997. (Coleção mosoroense, série C; v. 930).

---

\* Registro produzido pelas bibliotecárias-documentalistas Tércia Marques e Margareth Meñezes, da Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A bibliografia completa, incluindo artigos em jornal e revistas, capítulos de livro, plaquetes, separatas e outros escritos, além de publicações sobre Oswaldo Lamartine, pode ser encontrada em: SOBRAL, Gustavo. *O sertão de Oswaldo Lamartine de Faria: a biografia de uma obra*. Natal, Caravela Cultural: 2018. Disponível em: <http://www.gustavosobral.com.br>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó*. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

\_\_\_\_\_. *Uns fesceninos*. Rio de Janeiro: Artenova, 1970. Edição limitada, fora do comércio para bibliófilos.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Erotika Lexiko, c1970.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Recife, PE: Bagaço, 2008. (Coleção letras natalenses). Reprodução fac-similar da primeira edição, a partir de exemplar com notas manuscritas do autor.

\_\_\_\_\_. *Açudes dos sertões do Seridó*. Natal: Fundação José Augusto, 1978. (Coleção Mossoroense, v. 56).

\_\_\_\_\_. *Os açudes dos sertões do Seridó*. Edição Fac-similar. Natal: Sebo Vermelho, 2012. (Colecão João Nicodemos de Lima; v .344)

\_\_\_\_\_. *Sertões do Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2004. Fac-similar.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Natal: Sebo Vermelho, 2012. Fac-similar.

\_\_\_\_\_. *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte*. Fortaleza: Impr. Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1984. (Coleção mossoroense, série C; v. 241).

\_\_\_\_\_. *Alguns escriptos da agricultura no Império do Brasil*. Natal: Fundação José Augusto; Mossoró: Fundação Vingt-un- Rosado, 1998. (Coleção mossoroense, série C, n. 1010).

\_\_\_\_\_. *Notas de carregação*. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. (Coleção nação potiguar)

\_\_\_\_\_. *O sertão de nunca mais*. Natal: Fundação Guimarães Duque, 2002. (Coleção mossoroense, série B, n. 2100).

\_\_\_\_\_. *O sertão de nunca mais: Oswaldo Lamartine na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

\_\_\_\_\_. *Apontamentos sobre a faca de ponta*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1988. Desta edição foram tirados 50 exemplares numerados de 1 a 50 e rubricados pelo autor.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Mossoró: Fundação Ozelita Cascudo; Fundação Guimarães Duque, 1988. 66 p : il. (Coleção mossoroense, série C; v. 414).

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Natal: Sebo Vermelho; [Mossoró]: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-un Rosado, 2006. (Coleção mossoroense). Edição fac-similar.

MEDEIROS FILHO, João Maria; FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Seridó século XIX: fazendas e livros*. Rio de Janeiro: Fomape, 1987.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 2. ed. Rio de Janeiro: Editores Marques Saraiva, 2001.

SILVA, Raimundo Nonato da; FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Pseudônimos & iniciais potiguares*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1985. (Coleção mossoroense, série B, n. 424).



Este livro foi produzido  
pela equipe da EDUFRN  
em dezembro de 2021.

